Sistema Fiep
FIEP SESI SENAI IEL
INDÚSTRIA em revista
Abr a Jun/2019 | Ano V nº22

Reforma da Previdência: Paulo Tafner, economista e doutor em Ciência Política, discute os temas polêmicos da proposta de Bolsonaro.

Política Industrial

Quais são as ações do novo governo para nossa atividade econômica

INFRAESTRUTURA

A relação entre a expansão industrial e as melhorias na malha aérea do Paraná

COMPLIANCE

Empresas estão mais maduras e iniciativas na área se multiplicam

FORMA A INDÚSTRIA **TRANSFORMA** O PARANÁ

O **Sistema Fiep** oferece **soluções** que aceleram, melhoram e potencializam sua empresa.

/CanaldaIndustriaPR /company/sistema-fiep /fiepr /fiepr /fiepr

REPRESENTATIVIDADE para dar voz a sua indústria e ampliar seus negócios dentro e fora do país.

INOVAÇÃO e TECNOLOGIA acessíveis para você realizar seus projetos e alcançar suas metas.

EDUCAÇÃO de excelência, do fundamental à pós-graduação, para capacitar e ampliar o conhecimento da sua equipe.

SEGURANÇA e SAÚDE para que seus trabalhadores produzam mais e melhor.

Sistema Fiep

FIEP
SESI
SENAI
IEL

sistemafiep.org.br/**campanha**

NESTA EDIÇÃO

LEITURA RÁPIDA . 05

PALAVRA DO PRESIDENTE . 06

VIÉS . 07

FALOU E DISSE . 07

AGENDA . 08

SABER É CULTURA . 08

OPINIÃO . 09
Djalma de Sá

ENTREVISTA . 11
Paulo Tafner

COMPLIANCE . 13
Vantagens e exemplos de iniciativas de sucesso

CAPA . 18
Como o novo governo investe na indústria

TENDÊNCIA . 26
Empresas que apostam no design, de olho no mercado exterior

Crédito: Divulgação Sítio 3 Meninas

SÉRIE POLO INDUSTRIAL . 30
O otimismo do setor de eletroeletrônicos do Paraná

INFRAESTRUTURA . 35
Os investimentos necessários na malha aérea paranaense

INOVAÇÃO . 40
O futuro da comunicação corporativa passa pelos *chatbots*

DA TERRA DOS PINHEIRAIS . 44
As novidades da erva que fez a história do Paraná

GENTE DA INDÚSTRIA . 48

GIRO PELOS SINDICATOS . 50

LEITURA RÁPIDA

NOTAS DA INDÚSTRIA DO PARANÁ

Suporte para o setor

As indústrias de laticínios do Paraná podem contar com uma nova estrutura no Estado: o Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Lácteos, do Sistema Fiep. Com sede em Toledo, no Oeste paranaense, o instituto atua em três grandes frentes para atender ao setor: consultoria, ensaios laboratoriais e desenvolvimento de novos produtos.

Saúde e segurança

O Brasil é o quarto País com o maior número de acidentes de trabalho, de acordo com o Ministério Público do Trabalho. No entanto, é possível evitá-los com ações preventivas de segurança e saúde do trabalhador. Atento à realidade e às demandas da indústria nacional, o Sistema Fiep, por meio do Sesi no Paraná, lançou a plataforma Sesi Viva+, uma nova solução que contribui na gestão dos processos de Segurança e Saúde no Trabalho (SST) e apoia a redução dos custos com saúde, afastamentos e do risco legal na indústria.

Crédito: Gelson Bampi

Mercado de trabalho

Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional das Indústrias (CNI) e Instituto Euvaldo Lodi (IEL) mostra que, em uma década, a Indústria 4.0 deve atingir 21,8% das empresas brasileiras. Hoje, esse percentual é de 1,6%. Ela considera todo tipo de tecnologia digital que promova melhoria da produtividade no processo industrial. Além das empresas se adaptarem ao modelo, é preciso também formar um novo profissional, inserido em uma cultura de inovação. O desenvolvimento profissional, por meio de cursos técnicos e de nível superior, faz parte desse cenário.

Educação

Em agosto, alunos do Senai do Paraná representarão o Estado na WorldSkills em Kazan, na Rússia. A WorldSkills é uma competição que ocorre a cada dois anos. Os melhores alunos do mundo disputam medalhas em modalidades que correspondem às profissões técnicas da indústria e do setor de serviços.

EXPEDIENTE

SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ

PRESIDENTE
Edson Campagnolo

SUPERINTENDENTE DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (SESI) E INSTITUTO EUVALDO LODI (IEL) E DIRETOR REGIONAL DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI)
José Antonio Fares

SUPERINTENDENTE CORPORATIVO DO SISTEMA FIEP
Irineu Roveda Junior

A INDÚSTRIA EM REVISTA É UMA PUBLICAÇÃO OFICIAL DO SISTEMA FIEP

COMITÊ DE COMUNICAÇÃO
Abílio de Oliveira Santana, Carlos Walter Martins Pedro, João Alberto Soares de Andrade, José Eugenio Gizzi, Paulo Roberto Pupo, Rodrigo Martins e Sebastião Ferreira Martins Júnior

GERÊNCIA EXECUTIVA DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS
Adriana Brandão

GERÊNCIA DE MARKETING INSTITUCIONAL
Anne Tsumori Maezuka

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Poliane de Campos Brito (8959/DRT-PR)

EDIÇÃO, PROJETO GRÁFICO, ARTE E DIAGRAMAÇÃO
433 AG - 433.ag

BANCO DE IMAGENS
Shutterstock

IMPRESSÃO
Hellograff Artes Gráficas Ltda

TIRAGEM
10 mil exemplares

Comentários, críticas e sugestões, escreva para: aindustriaemrevista@sistemafiep.org.br

PALAVRA DO PRESIDENTE

EDSON CAMPAGNOLO
Presidente do Sistema Fiep

Os primeiros meses de 2019 têm demonstrado que as novas gestões federal e estadual, apesar do pouco tempo de trabalho, estão dispostas a mudar uma série de paradigmas para recolocar o Brasil e o Paraná no rumo do desenvolvimento. Para nós, do Sistema Fiep, isso tem ficado claro em razão de encontros que mantivemos com representantes do primeiro escalão dos novos governos, tanto em Brasília quanto em Curitiba.

Em fevereiro, por exemplo, em uma ação inovadora, a diretoria da Fiep esteve na capital federal, onde se reuniu, entre outros, com o ministro da Economia, Paulo Guedes. Em um diálogo franco, ele apresentou as diretrizes da política econômica do novo governo, com foco claro na melhoria do ambiente de negócios como forma de ampliar a competitividade do setor produtivo brasileiro. Na matéria de capa desta edição da Indústria em Revista mostramos como isso pode influenciar a indústria brasileira e quais são algumas das urgências para o nosso setor.

Além disso, uma prioridade absoluta do novo governo é o reequilíbrio das contas, tornando a máquina pública mais enxuta e eficiente. Mostrando que está disposta a fazer isso acontecer, naquele mesmo mês a equipe de Guedes entregou ao Congresso Nacional uma proposta consistente de Reforma da Previdência. Na entrevista desta edição, tratamos justamente desse tema. Nela, o economista Paulo Tafner, um dos principais estudiosos do sistema previdenciário brasileiro, explica por que essa reforma é tão importante para o futuro do País.

Outra demanda apontada pela equipe econômica é colocar em prática um programa de privatizações e concessões. Isso poderá destravar uma série de investimentos privados para melhoria da infraestrutura brasileira, fator essencial para aumentar nossa competitividade. E uma área que pode ser incrementada com esse movimento é a malha aeroportuária do Paraná. Nesta edição, mostramos também quais são os investimentos necessários nas principais regiões do Estado para que o setor produtivo e a população sejam melhor atendidos.

Além disso, apresentamos iniciativas de indústrias paranaenses que estão cada vez mais se aprimorando para conquistar mercados, ganhar competitividade e atuar de maneira íntegra, com a implantação de políticas e sistemas de *compliance*.

Boa leitura!

VIÉS — O SOBE E DESCE DA INDÚSTRIA

SOBE

Expectativas

Em 2018, o Produto Interno Bruto (PIB) do País cresceu 1,1% frente a 2017, após outra alta de 1,1% em 2017, e retrações de 3,5% em 2015, e 3,3% em 2016. Houve altas na Agropecuária (0,1%), na Indústria (0,6%) e em Serviços (1,3%). O PIB totalizou R$ 6,8 trilhões em 2018.

DESCE

Entrave aos negócios

O segmento da construção teve, em 2018, seu quinto ano de queda no Produto Interno Bruto (PIB), segundo as Contas Nacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

FALOU E DISSE — AS FRASES MARCANTES DO SETOR

"Vocês [empresários] são verdadeiros heróis, sobreviventes de juros altos, de câmbio apreciado, de governo atrapalhando, de impostos crescentes em um País que vem premiando rentistas e dificultando quem cria valor. Nós queremos reverter esse cenário."

CARLOS ALEXANDRE DA COSTA

Secretário especial de Produtividade, Emprego e Competitividade do Ministério da Economia, durante reunião da diretoria da Fiep, no auditório da CNI, em Brasília.

"Nenhuma empresa que quer ser liderança global pode se dar ao luxo de não investir no Brasil."

RICARDO AMORIM

Economista, durante o lançamento da plataforma Sesi Viva+.

"Nós precisamos recuperar a confiança no Brasil, essa é a grande preocupação da área empresarial."

PAULO AFONSO FERREIRA

Presidente interino da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

"Mentalidade digital é saber também quando não usar as redes.
É uma nova habilidade. Saber qual tecnologia é melhor para cada problema."

MARTHA GABRIEL

Consultora e escritora, durante palestra no lançamento da Universidade Corporativa do Sistema Fiep.

Bússola da Sustentabilidade

Iniciativa gratuita do Sistema Fiep tem o intuito de desmistificar e tornar prático o conceito de sustentabilidade no cotidiano das indústrias, e promover o entendimento de que esta e a competitividade andam juntas. As indústrias participantes do estudo realizam sua autoavaliação em uma plataforma on-line, recebendo imediatamente um resultado personalizado, com orientações e informações para suas tomadas de decisão.

Data: até 28 de junho **Informações:** *bussoladasustentabilidade.org.br*

Para todos os públicos

Estruturas de cultura do Sistema Fiep têm programação diversificada e atingem espectadores de todos os gostos e faixas etárias

Mostrar as múltiplas faces da criatividade e expressividade humanas por meio da cultura em diversos locais e para diferentes públicos. Tal propósito pode ser visto na prática nos espaços culturais do Sistema Fiep espalhados pelo Estado. Alguns já conhecidos, outros iniciando as atividades, todos passam a incrementar ainda mais a programação cultural de cidades que até pouco tempo atrás tinham poucas opções de entretenimento.

Atualmente são dez espaços culturais sob a gerência de Cultura do Sistema Fiep. Três deles em Curitiba e os outros distribuídos em São José dos Pinhais, Londrina, Arapongas, Santo Antônio da Platina, Pato Branco, Guarapuava e uma unidade móvel da Cultura, inaugurada em dezembro passado. A programação inclui shows musicais, peças teatrais, núcleos de dramaturgia, oficinas audiovisuais, entre outros, e os ingressos são gratuitos para trabalhadores da indústria e dependentes, o que possibilita o acesso do público a atrações culturais de qualidade e nas mais diversas linguagens.

A Casa Heitor Stockler de França, na região central de Curitiba, tem atrações musicais com os projetos Vozes da Cidade e Acordes na Casa. Na unidade Paula Gomes, no bairro histórico do São Francisco, há centro cultural completo com galeria, sala multiartes e teatro. No Sesi Portão, o foco é o público infantil. São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba, tem mostra de filmes. Em Arapongas, a especialidade são as oficinas de artes circenses. Em Londrina tem o Centro Cultural Sesi/AML com teatro, música e exposições. Em 2018, o Núcleo de Dramaturgia e o projeto Dramátika produziram cinco curtas-metragens. Para os locais onde não há a estrutura física, vão as atrações da unidade móvel do Sesi Cultura, customizadas de acordo com cada cidade. Opções de sobra para quem quer estar sempre em contato com a arte. ■

ATRAÇÕES CHEGAM ÀS CIDADES ONDE NÃO HÁ ESTRUTURA DE CULTURA COM ATRAÇÕES CUSTOMIZADAS.

OPINIÃO

Longevidade e novas dinâmicas do mercado pressionam por mudanças na previdência

Por Djalma de Sá

A pressão do envelhecimento da população nas despesas de Seguridade Social – Previdência Social, Saúde e Assistência Social – vem ampliando a demanda sobre o sistema e gerando mais despesas para o Estado. Além disso, o mercado de trabalho, da indústria ao setor de serviços, se vê diante de uma nova realidade: como adequar as novas dinâmicas produtivas tendo uma população ativa cada vez mais longeva?

Conhecido como "bônus demográfico", esse fenômeno vem sendo observado nos anos mais recentes no Brasil, mas já foi vivido por Países desenvolvidos em estágios de transição demográfica. Os estudos demográficos estabelecem três pilares para compreender essa transição: queda da mortalidade, políticas de controle de fecundidade e, por fim, nova dinâmica populacional que gera o envelhecimento da população. Todos esses fatores são influenciados pela melhoria no sistema de saneamento, dos serviços públicos de saúde pública e educação. O crescimento econômico do País também contribui para esse quadro.

Desde os anos 1980, a população jovem vem se reduzindo, culminando, nos anos 2000, no aumento da população idosa. Com o envelhecimento, há uma expansão dos gastos previdenciários. Dessa forma, pode-se esperar uma incompatibilidade entre o recolhimento dos contribuintes e o pagamento dos beneficiários, organizados sob o modelo de repartição simples. A tendência natural é a expansão do número de beneficiários num modelo de financiamento cada vez mais frágil.

As projeções do IBGE e Banco Mundial apontam que a população acima de 65 anos saltará de 23 milhões de pessoas em 2014 para 41,5 milhões em 2030, chegando a 73,5 milhões em 2060. Neste cenário, se não houver alterações na dinâmica do mercado de trabalho e nos níveis de ocupação, os gastos do Estado exclusivamente com a previdência saltariam de 8,3% do PIB em 2020 para 19,3% em 2060.

Reformas pelo mundo

Como resposta ao envelhecimento da população, várias reformas previdenciárias têm sido feitas pelo mundo com o objetivo de garantir a sustentabilidade do sistema previdenciário. Todos os 35 Países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) fizeram reformas previdenciárias entre 2009 e 2015, começando pelo aumento da idade legal da aposentadoria. Até a metade do século, a maioria destes Países terá a idade de aposentadoria de 67 anos.

Diante deste contexto, o debate no Brasil precisa passar pelos seguintes temas: aposentadoria por tempo de contribuição sem idade mínima; diferenças de regras entre homens e mulheres; pensões por morte; e diferenças de regras entre regimes e intrarregimes.

Fundamental neste debate é a eliminação gradual da aposentaria por tempo de contribuição, por não apresentar um risco social. Há pessoas que se aposentam na casa dos 50 anos, com capacidade laboral e no gozo da saúde. Para reforçar este argumento, um levantamento feito a partir dos microdados da PNAD/IBGE 2014 apresentava 963 mil aposentados na faixa etária de 45 a 49 anos para homens e 45 a 54 anos para mulheres.

Longevidade no mercado de trabalho

Se por um lado a elevação dos gastos previdenciários já é conhecida, os impactos na produtividade e no mercado de trabalho ainda estão sendo estudados. Segundo pesquisa feita pela consultoria PriceWhiteHouseCoopers em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV) sobre o envelhecimento da força de trabalho no Brasil, feita com 96 empresas de grande, médio e pequeno porte, a população acima de 65 anos era de 1% da força de trabalho.

> “FUNDAMENTAL NESTE DEBATE É A ELIMINAÇÃO GRADUAL DA APOSENTARIA POR TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO, POR NÃO APRESENTAR UM RISCO SOCIAL. HÁ PESSOAS QUE SE APOSENTAM NA CASA DOS 50 ANOS, COM CAPACIDADE LABORAL E NO GOZO DA SAÚDE.”

Mesmo com pouca participação, essa faixa etária apresenta dados interessantes. Sobre a vantagem dos profissionais mais velhos, 94% destacaram a experiência profissional e o conhecimento como um diferencial. Para 37% das empresas, utilizar os mais velhos é uma forma de se proteger do apagão de talentos.

Mas apenas 56% das empresas já têm programas específicos para este público. A maioria delas, 60%, não envolve os mais velhos nas atividades de integração dos mais jovens, 83% não possui práticas de integração de gerações, e 28% não incentiva a contratação de profissionais mais velhos.

Segundo as empresas apontaram na pesquisa, o principal motivo para não contratar profissionais mais velhos, acima de 65 anos, é a falta de flexibilidade dessa faixa etária às mudanças (96%). Suas maiores qualidades, porém, são uma maior capacidade de diagnóstico de soluções, de equilíbrio emocional e trabalho em equipe.

O desafio no Brasil é, por um lado, adequar este público à nova realidade tecnológica e de mercado e, por outro, preparar as empresas para receber esta força de trabalho, num cenário de pressão previdenciária e novas dinâmicas produtivas.

A discussão e as soluções não vão surgir da noite para o dia. É um processo gradual que deverá envolver a sociedade, de forma a equilibrar as características da população economicamente ativa mais longeva com as necessidades do mercado e a realidade previdenciária. ■

ECONOMISTA, DOUTORANDO E MESTRE EM GESTÃO URBANA. PROFESSOR DA ESCOLA DE NEGÓCIOS DO UNIOPET, PESQUISADOR NA ÁREA DE ECONOMIA REGIONAL E URBANA, INOVAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS.

Reforma da Previdência: corrigindo disparidades para garantir o futuro

Se aprovado, texto da Reforma dá pontapé inicial na isonomia previdenciária com vistas ao equilíbrio das contas públicas e correção nas injustiças do atual regime

Por Edilane Marques

Crédito: Gelson Bampi

Além de promover impacto fiscal estimado de R$ 1,1 trilhão em dez anos, acalmar o mercado e melhorar o cenário para atração de investimentos e a retomada do crescimento, a apresentação do texto da Reforma da Previdência, no dia 20 de fevereiro, pelo presidente Jair Bolsonaro, deu novo ânimo ao setor produtivo e reafirmou as expectativas positivas do empresariado. Em entrevista à Indústria em Revista, o economista Paulo Tafner, um dos maiores especialistas no tema, fala dos pontos polêmicos do documento e revela otimismo para a aprovação do texto na Câmara dos Deputados e Senado.

Entre os pontos cruciais do texto estão a idade mínima e o tempo de transição menor que na proposta. Quais podem sofrer alterações no Congresso e voltar para adequação?

Há pontos que podem ser objetos de negociação e de entendimento entre as partes. Há outros em que isso não é possível. Particularmente, não acho possível mexer nas idades mínimas e no tempo de transição. O tempo mais curto de transição é importante, porque ele determina uma potência fiscal maior do que um tempo mais longo. Mexer no tempo de transição significa perder muita potência fiscal. Esses pontos são os pilares da reforma. Os demais pontos podem ser negociados na medida do possível, da seguinte forma: o Congresso ameniza alguma coisa e oferece algo em troca, como compensação. É o *trade off*, fica mais leve de um lado e tenta reequilibrar do outro.

> “O CONGRESSO AMENIZA ALGUMA COISA E OFERECE ALGO EM TROCA, COMO COMPENSAÇÃO. É O *TRADE OFF*, FICA MAIS LEVE DE UM LADO E TENTA REEQUILIBRAR DO OUTRO.”

PAULO TAFNER
é economista, pesquisador da FIPE/USP e professor. Fez doutorado em Ciência Política no IUPERJ/UCSD. Foi pesquisador do Ipea e coordenador do Grupo de Estudos Previdenciários daquele instituto. É autor e organizador dos livros “Reforma da Previdência: debates, dilemas e escolhas” (2005), “Demografia: a ameaça invisível” (2010), “Reforma da Previdência: a visita da velha senhora” (2015), e “Reforma da Previdência: Por que o Brasil não pode esperar?”, de 2018.

A criação de novas alíquotas e a inclusão de Estados e Municípios são pontos polêmicos que podem atravancar a votação?

Certamente que o aumento de alíquotas é desagradável para algumas pessoas e os grupos mobilizados tentam se opor e fazer resistência, particularmente os servidores públicos. Não creio que seja uma batalha de sucesso das categorias, porque em primeiro lugar a adequação é justa. Em segundo lugar, porque também os trabalhadores da iniciativa privada terão acréscimo de alíquota. Ou seja, é uma forma de aumentar a alíquota de quem ganha mais e reduzir de quem ganha menos, tornando o sistema proporcionalmente justo.

Há uma previsão de flexibilizar os ajustes nesse ponto?

Sempre é possível flexibilizar. O Congresso é soberano e ele vai determinar, mas não considero um tema que deva mobilizar os parlamentares, porque atinge, de maneira geral, os trabalhadores que estão nos mais altos extratos de renda do País.

E com relação à previdência para dependentes e o acúmulo de benefícios?

O Brasil é o único País do mundo que permite que uma viúva sem filhos, ganhe a mesma coisa que uma viúva com quatro, cinco filhos menores. No texto, isso é corrigido e a proposta é: se não tem filho menor recebe uma parte do benefício, 60% nesse caso. E para quem tem filho menor, 10% a cada filho, até completar 100% do valor do benefício. Então é uma correção correta, justa, que se iguala a outros Países.

Quanto ao acúmulo de benefícios, essa é outra disfunção do sistema previdenciário brasileiro, já que a nossa legislação permite que as pessoas acumulem dois, três, até seis benefícios com o valor integral. O texto está propondo que se acumule somente dois benefícios, sendo que o segundo não seja integral. Só será integral até R$ 2.000,00, a partir daí vai caindo proporcionalmente. Quanto maior o valor, menor é a acumulação.

A previsão é de que até julho o texto saia da Câmara. Você acha esse prognóstico factível?

Eu estou muito confiante com relação aos prazos. O próprio presidente da Câmara, Rodrigo Maia, definiu que até o final de junho ele já terá concluído a votação na Casa. Se isso ocorrer é um bom sinal, porque até agosto ou setembro deste ano teria a votação no Senado – e a gente espera que não tenha alteração –, e depois a sanção. Já vamos começar 2020 com um novo sistema pronto, estruturado, enfim, para dar tranquilidade a todos os brasileiros, e sinalizar ao mercado que o governo tem compromisso com os aspectos fiscais do Brasil. E, dessa forma, garantir que o País possa retomar o ritmo de crescimento, tão necessário e tão importante para reduzir o desemprego, aumentar a produtividade e fazer o Brasil crescer.

A primeira grande derrota do governo na votação da Lei de Acesso à Informação sinaliza dificuldade para a passagem dos pontos principais da proposta?

É pouco relevante e é só uma demonstração salutar da democracia e a Câmara querendo dizer: "Olha, eu existo, eu sou importante, é importante que o executivo negocie com a gente, nos trate bem, entenda nossas demandas para que, em conjunto, produzamos legislações necessárias para o aprimoramento institucional do País e a recuperação da nossa economia, que está combalida, com 13 milhões de desempregados, uma relação dívida x PIB muito elevada, enfim, uma tragédia fiscal e econômica". Foi apenas uma demonstração de força importante, sinalizando que o Poder Legislativo é tão importante quanto os demais poderes.

O presidente Bolsonaro foi elogiado pela grande mídia pela forma como conduziu a entrega do texto. Isso é um bom indicativo?

O fato do presidente ir entregar pessoalmente o texto do Executivo na casa legislativa faz o reconhecimento do papel crucial da Câmara e também do Senado no processo de aprimoramento institucional do Brasil. Foi um bom passo. ■

> "VAMOS COMEÇAR 2020 COM UM NOVO SISTEMA PRONTO, ESTRUTURADO, ENFIM, PARA DAR TRANQUILIDADE A TODOS OS BRASILEIROS, E SINALIZAR AO MERCADO QUE O GOVERNO TEM COMPROMISSO COM OS ASPECTOS FISCAIS DO BRASIL."

COMPLIANCE

Empresas éticas têm colaboradores mais satisfeitos e ganham a preferência dos consumidores

Cresce o nível de maturidade das empresas em relação ao tema compliance, bem como suas iniciativas, revela pesquisa

por Elvira Fantin

Empresas éticas são preferidas pelos consumidores mais críticos e têm colaboradores mais satisfeitos, comprometidos e produtivos. E as vantagens não param por aí. Organizações que trabalham dentro das normas e conformidades e mantêm um comportamento ético nas relações com seus colaboradores e nos negócios têm mais facilidade para reter talentos e menos risco de sofrer fraudes e prejuízos financeiros. São constatações de pesquisas relatadas em vários estudos sobre o tema. Uma delas, realizada anualmente pela consultoria KPMG, mostra que o nível de maturidade das companhias em relação ao *compliance* vem crescendo gradativamente, da mesma forma que aumentam as iniciativas neste sentido. Na terceira edição da pesquisa, realizada no segundo semestre de 2017, 91% dos respondentes revelaram que já iniciaram a implantação de programas dessa natureza.

O índice é maior que o da primeira versão, quando 81% das empresas ouvidas informaram já ter adotado práticas semelhantes. Nesta última edição, realizada por amostragem, foram 450 respondentes. Na primeira, em 2015, foram cerca de 200. "O aumento no número de respondentes é um indicativo de que o tema está na pauta das empresas", observa Alexandre Martins, sócio da KPMG.

Mas ele informa, no entanto, que há ainda um longo caminho pela frente. "Mesmo as empresas que revelam já ter iniciado este processo admitem que há muito trabalho a ser feito até que efetivamente o *compliance* esteja funcionando em sua totalidade", diz. Para Martins, no entanto, este é um caminho sem volta. "Seja por imposição legal ou por pressão da sociedade, as empresas terão que seguir neste caminho", afirma.

Patrocínio e foco

O consultor comenta que patrocínio e foco são os fatores mais importantes para viabilizar um programa de *compliance*. "É fundamental ter o patrocínio da alta administração da empresa. É preciso que a alta cúpula esteja convencida de que a adoção de mecanismos de integridade é necessária e importante. Sem isso, o programa tem grandes chances de não funcionar", alerta. A partir daí, segundo ele, é preciso focar. "É necessário observar as áreas de alto risco e torná-las objeto central das ações", orienta.

Crédito: Arquivo pessoal

> "É PRECISO QUE A ALTA CÚPULA ESTEJA CONVENCIDA DE QUE A ADOÇÃO DE MECANISMOS DE INTEGRIDADE É NECESSÁRIA E IMPORTANTE."

ALEXANDRE MARTINS, SÓCIO DA EMPRESA DE CONSULTORIA KPMG.

Crédito: Gelson Bampi

Com encontros trimestrais, a Rede Paranaense de Compliance foi criada como espaço para a troca de experiências e difusão de melhores práticas das empresas no Estado.

O investimento em *compliance* varia de acordo com o porte e com as operações da empresa. "Uma organização que tem maior interface com o poder público ou que atua em mercados fortemente regulados, está mais suscetível e, portanto, terá que implantar uma estrutura mais robusta, pois naturalmente estará exposta a maiores riscos", explica.

De acordo com a pesquisa da KPMG, para a maior parcela dos respondentes o nível de investimento em *compliance* não ultrapassou R$ 1 milhão por ano. "É um investimento que tem que ser feito e a relação custo x benefício compensa. Já vimos muitas empresas que deixaram de investir e tiveram sérios problemas operacionais por conta da corrupção. Muitas delas celebraram acordos de leniência com multas bilionárias e também tiveram que se desfazer de ativos", afirma. Ele reforça, no entanto, que só o investimento em dinheiro não é suficiente para o sucesso. "É principalmente uma questão de cultura", pontua.

Ganhos em todos os processos

Uma das empresas que já implantou um programa de *compliance* é a Arauco, fabricante de painéis de madeira, com sede em Curitiba. "A área foi implantada em 2015, inicialmente para cumprimento de normas exigidas pela matriz, no Chile. Posteriormente, consideramos necessária a adequação da área e padronização dos critérios para atender a todos os Países onde a empresa atua", conta Matheus Garcia Monteiro, gerente de Auditoria Interna da indústria.

RENATO LARA, DIRETOR DE AUDITORIA INTERNA, RISCOS E COMPLIANCE DO GRUPO MARISTA.

> "O PONTO FUNDAMENTAL QUE VEJO É QUE COMPLIANCE NÃO É DA ÁREA A OU B, MAS SIM DE TODA A ORGANIZAÇÃO."

> "TRABALHAMOS FORTE EM CAMPANHAS, CONTROLES E AÇÕES PARA PREVENIR A CORRUPÇÃO."

MATHEUS GARCIA MONTEIRO, GERENTE DE AUDITORIA INTERNA DA ARAUCO, FABRICANTE DE PAINÉIS DE MADEIRA.

Na Arauco, Monteiro diz que o programa tem contribuído para a disseminação da cultura de controles, com ganhos operacionais em processos automatizados e resultados mais transparentes dentro das áreas de negócio. Segundo ele, a empresa nunca foi vítima de qualquer prática corrupta. "Esperamos manter este status. Trabalhamos forte em campanhas, controles e ações para prevenir a corrupção", afirma.

Fornecedores e colaboradores engajados

No Grupo Marista o trabalho já tem dez anos. "Iniciamos com código de conduta, canal de denúncias (o Canal Direto) e o Comitê de Ética", conta Renato Lara, diretor de Auditoria Interna, Riscos e *Compliance*. Ele informa que a área surgiu com o objetivo de consolidar padrões que explicitam os princípios do Grupo, reafirmam os valores e regem as interações de todos que compõem a organização em vista de acompanhamento, encaminhamento e decisões diárias.

A instituição promove encontros frequentes com fornecedores e colaboradores, quando o código de conduta – do qual todos os funcionários são signatários – é apresentado. Além disso, todos os contratos comerciais são regidos pelo mesmo código. "O ponto fundamental que vejo é que *compliance* não é da área A ou B, mas sim de toda a

organização, ou seja, está sendo disseminado, passando a fazer parte da cultura da organização, o que é muito positivo", afirma Lara.

Segundo o diretor, quanto à corrupção nos processos, o próprio mercado vem se autorregulando, já que cada empresa precisa estar atenta à toda a sua rede de fornecedores. "Com isso, este ciclo começa a chegar a um ponto interessante, onde o *compliance* permeia todos os processos e passa a fazer parte do dia a dia das organizações", observa.

O que é *compliance*

"O *compliance* tem se tornado cada vez mais relevante nos negócios e nas organizações ao redor do mundo", destaca Rodrigo Zani, gerente de Riscos & *Compliance* do Sistema Fiep. Ele explica que o conceito está relacionado ao conhecimento das normas da organização, ao cumprimento dos procedimentos recomendados, à atuação em conformidade com leis e normas, e à manutenção da ética e idoneidade em todas as atitudes.

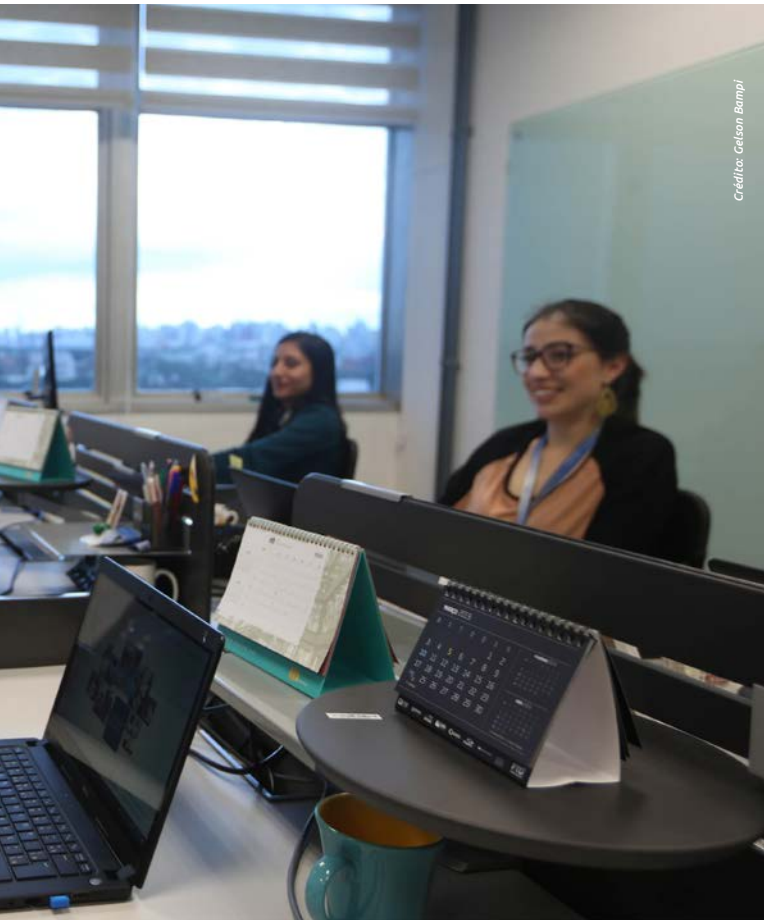
Em geral, demanda atendimento às normas emitidas por agências e órgãos de regulação e fiscalização, tais como Anac, Anatel, Anvisa, entre outros, bem como o cumprimento à legislação ambiental, às normas ISO, de segurança e saúde no trabalho, ao código de defesa do consumidor e aos órgãos de controle, como o Tribunal de Contas da União (TCU) e a Controladoria-Geral da União (CGU).

Renato Lara (à frente) coordena a área responsável por apresentar e disseminar a cultura do *compliance* no Grupo Marista.

> "O *COMPLIANCE* TEM SE TORNADO CADA VEZ MAIS RELEVANTE NOS NEGÓCIOS E NAS ORGANIZAÇÕES AO REDOR DO MUNDO."

RODRIGO ZANI, GERENTE DE RISCOS & *COMPLIANCE* DO SISTEMA FIEP.

Nos últimos anos, o Sistema Fiep vem trabalhando para disseminar a cultura da ética, da transparência e do combate à corrupção dentro da organização, bem como em todo o ambiente industrial, em parceria com o Centro Internacional de Formação de Autoridades e Líderes (CIFAL Curitiba), ligado ao Instituto das Nações Unidas para o Desenvolvimento e Pesquisa (Unitar). O órgão é responsável por promover a capacitação e cooperações técnicas que contribuam para o desenvolvimento sustentável e o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS). Um dos eixos de atuação é a Governança Urbana e o Planejamento, no qual destacam-se os temas Integridade e *Compliance*.


Crédito: Celson Bampi

Desta parceria entre o Sistema Fiep e o CIFAL Curitiba surgiu a Rede Paranaense de *Compliance*, da qual fazem parte várias empresas, entre elas a Arauco, Grupo Marista, KPMG e Phillip Morris. O objetivo é estimular a troca de experiências e difundir as melhores práticas. A rede realiza encontros trimestrais e podem participar empresas que compartilhem dos mesmos objetivos. Já foram debatidos temas como a Lei Anticorrupção e a de Proteção de Dados, além da apresentação de cases de empresas que implementaram programas de *compliance*.

Para participar, a empresa deve manifestar o interesse em ingressar, por meio de carta enviada via e-mail corporativo ou correspondência em papel timbrado da instituição de origem. O envio será para o e-mail riscos.compliance@sistemafiep.org.br.

No site da Rede está disponível seu regulamento de funcionamento, e o calendário das reuniões: *sistemafiep.org.br/rede-compliance/*. ■

Corrupção no mundo

O Brasil ocupou a 105ª colocação no Índice de Percepção da Corrupção 2018, recém-lançado pela Transparência Internacional. O índice é avaliado anualmente e a pontuação indica o nível percebido de corrupção no setor público em 180 Países. O Brasil caiu nove posições em relação à avaliação anterior. Quanto melhor a posição no ranking, mais íntegro é considerado. A 105ª colocação é o pior resultado brasileiro nos últimos seis anos, segundo a Transparência Internacional. Em 2017, nosso País ficou em 96º.

O Brasil está atrás de nações como Argentina, Burkina Faso, Colômbia, Sri Lanka e Ruanda, e empatado com Argélia, El Salvador, Peru, Timor-Leste e Zâmbia. Lideram o ranking de 2018 como os mais íntegros: Dinamarca, Nova Zelândia, Finlândia, Singapura e Suécia. No outro extremo, com maior percepção de corrupção, estão Somália, Síria, Sudão do Sul, Iémen e Coreia do Norte.

Oportunidade para superar desafios

Novos governos colocam em pauta melhorias no ambiente de negócios, fundamentais para a competitividade do setor industrial

por Rodrigo Lopes e Edilane Marques

O ano de 2019 se descortina com abundância de pautas que tiram o sono de muita gente. Não só dos novos governantes, que assumiram a nau com vários furos no casco, mas também dos tripulantes desse grande transatlântico que é o Brasil. Depois de amargar uma longa e profunda crise econômica que abalou a confiança do povo, a nação entrou neste ano com expectativas renovadas. Por parte do empresariado, é motivo de ânimo a iminência de ver colocadas em pauta as reformas estruturantes tão esperadas para iniciar a retomada do crescimento. Mas o que a indústria paranaense pode esperar desses novos governos? Qual é o impacto real dessas ações? E que outras medidas podem ajudar o setor industrial a superar seus desafios e ganhar competitividade, resultando em aumento nas vendas, nas exportações e na abertura de novas vagas, agora e no futuro?

Para especialistas, o governo federal acertou ao priorizar, no início da gestão, um programa de ajuste fiscal. "O Executivo adotou como missão reduzir o tamanho do Estado, isso se verifica pela extinção ou combinação de ministérios e de cargos comissionados", afirma o economista Carlos Magno Bittencourt, presidente do Conselho Regional de Economia do Paraná (Corecon-PR). Ele aponta, porém, que o grande desafio está na aprovação da Reforma da Previdência. A proposta apresentada em fevereiro, com estimativa de gerar um alívio superior a R$ 1 trilhão aos cofres públicos em dez anos, deverá ter um impacto muito maior para a recuperação da economia brasileira. "É uma proposta com o objetivo de evitar o colapso das contas públicas. A aprovação da reforma culminará em novos investimentos e retorno do consumo, com a criação de empregos", avalia.

O também economista Ricardo Amorim, presidente da Ricam Consultoria, segue a mesma linha. "Ajustando as contas públicas, a gente acaba com a preocupação dos investidores com relação à solvência do Brasil e devem vir muitos investimentos, tanto de investidores externos quanto de internos. Isso gera mais empregos, com mais empregos tem-se mais renda, com mais renda, mais consumo, as vendas das empresas aumentam, elas contratam mais gente. É todo um círculo virtuoso", justifica.

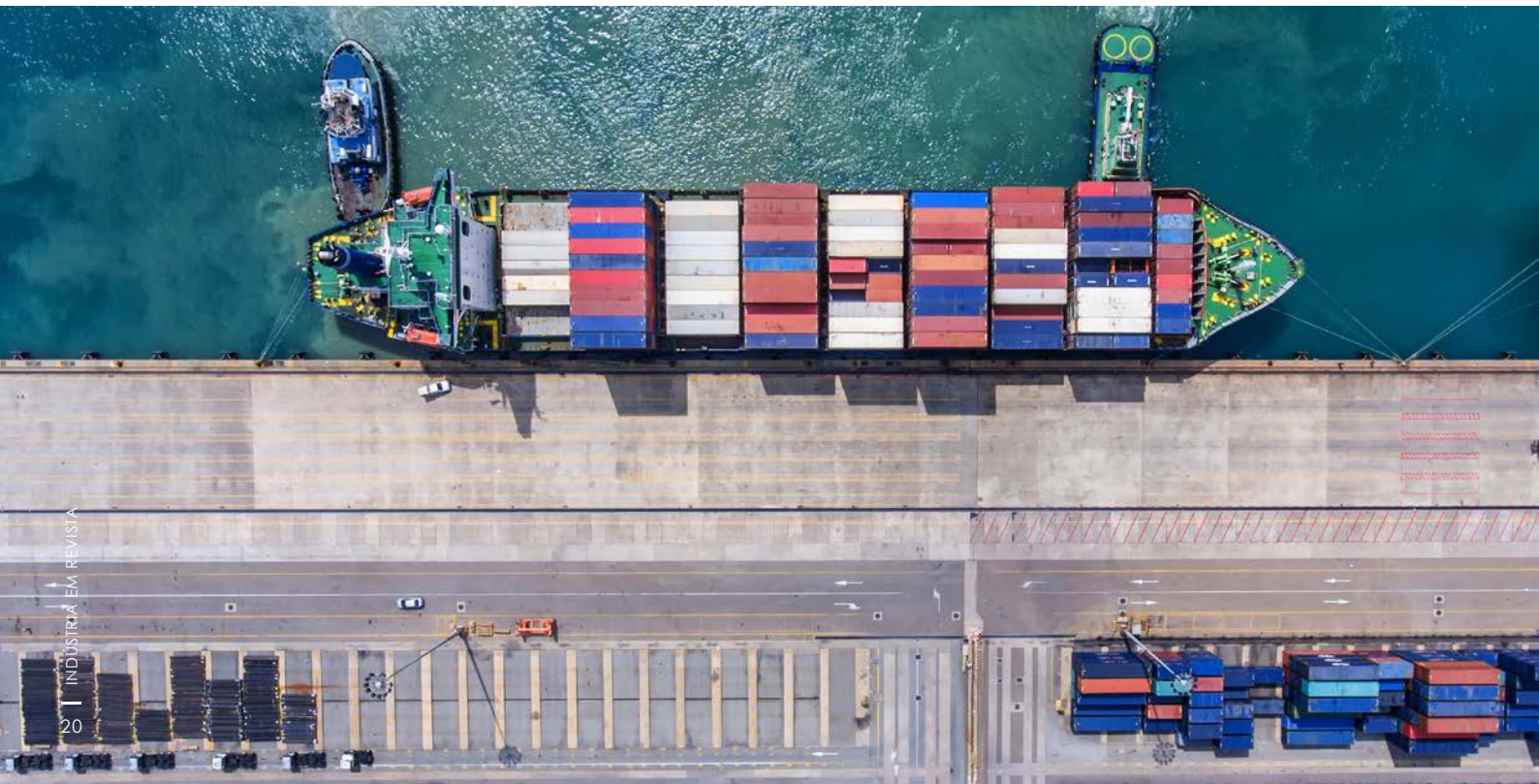
Custo-Brasil

Mas o equilíbrio das finanças públicas é apenas o primeiro tópico de uma extensa lista de tarefas que o Brasil precisa executar para, de fato, ter crescimento em longo prazo. Na sequência, a prioridade é atacar os gargalos tão conhecidos dos empresários, sintetizados na expressão "Custo-Brasil", que tornam o ambiente de negócios do País pouco amistoso. "A gente precisa reduzir os custos de fazer negócio no Brasil", diz Amorim. "Um deles é o imposto, que é onde entra a Reforma Tributária: simplificar e idealmente, quem sabe, reduzir impostos", acrescenta.

Para Bittencourt, o principal sinal de que o governo está disposto a enfrentar o desafio de tornar o ambiente mais

RICARDO AMORIM, ECONOMISTA E PRESIDENTE DA RICAM CONSULTORIA.

"A GENTE PRECISA REDUZIR OS CUSTOS DE FAZER NEGÓCIO NO BRASIL."



favorável ao empreendedorismo está na criação do super Ministério da Economia, capitaneado por Paulo Guedes. Em sua opinião, essa nova estrutura proporciona uma sinergia que favorece os diferentes segmentos econômicos, uma vez que amplia a visão da gestão governamental. O economista considera, no entanto, que é preciso um olhar mais atento à indústria. "É imprescindível que o Brasil tenha uma política de valorização da indústria. E um conjunto de ações em sintonia entre o governo e os empresários pode possibilitar um novo patamar para o setor", afirma.

Ricardo Amorim acrescenta que isso também é fundamental para que o País gere cada vez mais renda. "O Brasil tem uma situação maluca em que somos exportadores de produtos básicos e importadores de produtos manufaturados", diz. Para demonstrar o potencial desperdiçado, o economista cita um estudo realizado por ele em 2015, quando analisou a cadeia produtiva do café. "O preço de um quilo de café em grão era algo como R$ 8,60. Desse café em grão para a cápsula de espresso ele aumentava cerca de 35 vezes – passava de R$ 8,60 para R$ 300. Nós exportamos café em grão e importamos cápsulas de espresso. Por que isso? Porque se nós manufaturássemos o produto aqui, a carga de imposto não aumentava 35 vezes, aumentava 97 vezes. Significa que é tão caro produzir aqui que a gente não produz, mas paga 35 vezes mais para ter esse produto. Isso é um absurdo", exemplifica.

PAULO AFONSO FERREIRA, PRESIDENTE INTERINO DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI).

> "NOSSA EXPECTATIVA COM RELAÇÃO ÀQUILO QUE O GOVERNO FALA É POSITIVA, MAS DEPENDE MUITO DE NÓS DO SETOR PRODUTIVO."

CARLOS MAGNO BITTENCOURT, PRESIDENTE DO CORECON-PR.

> "É IMPRESCINDÍVEL QUE O BRASIL TENHA UMA POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO DA INDÚSTRIA. E UM CONJUNTO DE AÇÕES EM SINTONIA ENTRE O GOVERNO E OS EMPRESÁRIOS PODE POSSIBILITAR UM NOVO PATAMAR PARA O SETOR."

Representantes do setor industrial consideram que o momento atual é propício para uma virada nessa realidade. Para isso, é preciso união e um trabalho ativo junto às diferentes esferas de governo. "Nossa expectativa com relação àquilo que o governo fala é positiva, mas depende muito de nós do setor produtivo", afirma o presidente interino da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Paulo Afonso Ferreira, que em março assumiu a presidência interina da entidade. "Precisamos recuperar a confiança no Brasil. Precisamos de segurança jurídica e criar condições para minimizar essa carga tributária enorme. Temos que mostrar quais são as nossas prioridades, discutir, demonstrar e expor de uma forma clara para atingir esses objetivos", completa.

Portas abertas

Essa percepção de uma oportunidade ímpar se deve, especialmente, à abertura dada pelo Ministério da Economia. Em fevereiro, por exemplo, o ministro Paulo Guedes se reuniu, em Brasília, com a diretoria da Fiep. Na capital federal, a comitiva paranaense também se encontrou com Carlos Alexandre da Costa, que comanda a Secretaria Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade (Sepec), uma das subpastas do Ministério. E o recado dado aos empresários foi direto. "Quem está no centro são vocês, nós estamos aqui para deixar de atrapalhar e apoiar naquilo que fizer sentido", afirmou Costa na ocasião.

Segundo ele, esse apoio à indústria, ao contrário do que ocorreu em governos anteriores, não se dará por meio de protecionismo ou subsídios, mas sim por medidas que melhorem o ambiente de negócios do País como um todo. "Precisamos de um Brasil em que o que importa é o resultado. E resultado não pode ser medido por quanto de subsídio ou proteção a gente dá. Isso vai diminuir com o passar do tempo, porque cada vez menos o setor produtivo vai necessitar disso", resumiu.

Caio Megale, à frente da Secretaria de Desenvolvimento da Indústria, Comércio, Inovação e Pequenas e Micro Empresas, também ligada ao Ministério da Economia, acrescenta que esse processo é pautado pela busca por soluções para diversas "amarras" que hoje impedem um maior desenvolvimento do setor industrial. "Estamos montando uma agenda de desburocratização, de desobstrução da economia, com diversas frentes: o lado tributário, o lado

CARLOS ALEXANDRE DA COSTA, SECRETÁRIO ESPECIAL DE PRODUTIVIDADE, EMPREGO E COMPETITIVIDADE (SEPEC), DO MINISTÉRIO DA ECONOMIA.

> "PRECISAMOS DE UM BRASIL EM QUE O QUE IMPORTA É O RESULTADO. E RESULTADO NÃO PODE SER MEDIDO POR QUANTO DE SUBSÍDIO OU PROTEÇÃO A GENTE DÁ."

trabalhista, o olhar para a infraestrutura, regulamentações, burocracias. Todas aquelas necessidades de cumprimento de obrigações que impõem ao setor produtivo cortinas que desviam o foco principal da inovação, da produção, nós vamos avaliar e eventualmente rever", explica Megale. "Existe muito espaço para avanços, e é nesse espaço que vamos atuar. O importante é diminuir a quantidade de atrito na economia para que a produtividade e a competitividade possam florescer", completa.

De olho no futuro

Dentro da estratégia do governo, a melhora no ambiente de negócios é essencial também para que o setor avance no processo de inserção do conceito de Indústria 4.0. "Nossa segunda linha de atuação é a que olha mais para frente, que é a linha do desenvolvimento tecnológico, da digitalização da economia, da busca da inovação, de transformar a economia brasileira de fato em uma economia mais moderna, mais perto da fronteira tecnológica do mundo", revela Megale. "E aí não estamos falando de pesquisas acadêmicas ou em centro

de pesquisas, mas de políticas que estimulem as empresas a buscarem inovação nas suas linhas de produção, nos seus produtos e na sua forma de atuar", ressalta.

Ricardo Amorim aponta que esse talvez seja o maior desafio da indústria brasileira. "Estamos passando por uma era de transformação tecnológica e maior geração de riqueza da história da humanidade, e isso muda brutalmente tudo para a indústria. O industrial precisa entender essa revolução tecnológica, adotá-la no seu negócio e, a partir daí, ser mais produtivo, mais tecnológico, mais eficiente e surfar essa onda positiva", declara. Bittencourt complementa que, para a indústria ganhar competitividade nesse processo, será necessário investir também em educação. "A formação e a especialização da mão de obra capacitada para a indústria são alguns dos fatores que favoreceriam a indústria, principalmente diante das facilidades implementadas a partir de processos produtivos intensivos em tecnologia de ponta, como a inteligência artificial, Indústria 4.0 e Internet das Coisas", diz. ■

> "EXISTE MUITO ESPAÇO PARA AVANÇOS, E É NESSE ESPAÇO QUE VAMOS ATUAR. O IMPORTANTE É DIMINUIR A QUANTIDADE DE ATRITO NA ECONOMIA PARA QUE A PRODUTIVIDADE E A COMPETITIVIDADE POSSAM FLORESCER."
>
> CAIO MEGALE, SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO, INOVAÇÃO E PEQUENAS E MICRO EMPRESAS, TAMBÉM DO MINISTÉRIO DA ECONOMIA.

Crédito: Gelson Bampi

> QUEREMOS QUE O EMPRESÁRIO TENHA UMA RESPOSTA MUITO MAIS ÁGIL: SE DER PARA FAZER, VAMOS FAZER; SE NÃO DER, VAMOS INFORMAR E DESCOBRIR ONDE PODEREMOS MELHORAR E COMO AS INDÚSTRIAS PODEM NOS AJUDAR A ENCONTRAR ESSE CAMINHO.

EDUARDO BEKIN, PRESIDENTE DA AGÊNCIA PARANÁ DESENVOLVIMENTO.

> OS GOVERNOS EM TODAS AS ESFERAS PRECISAM PASSAR A TER UMA VISÃO SISTÊMICA DO QUE ENTENDEMOS POR SISTEMA DE INOVAÇÃO.

WALTER TADAHIRO SHIMA, ECONOMISTA E PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR).

Diálogo e inovação em foco também no Paraná

O novo momento político do País, com lideranças dispostas a impulsionar o desempenho do setor produtivo, também tem sido percebido com a nova gestão estadual. "Os industriais podem esperar um governo muito mais próximo. A ideia adotada é encurtar caminhos para que tenhamos uma comunicação orientada para a mudança de foco", afirma o presidente da Agência Paraná Desenvolvimento, Eduardo Bekin. "Queremos que o empresário tenha uma resposta muito mais ágil: se der para fazer, vamos fazer; se não der, vamos informar e descobrir onde poderemos melhorar e como as indústrias podem nos ajudar a encontrar esse caminho", acrescenta.

Para estreitar esse diálogo, em fevereiro a agência assinou um protocolo de intenções com o Sistema Fiep. O objetivo é unir esforços em ações que possam contribuir para o aumento da competitividade da indústria paranaense. Bekin considera que, dentro desse convênio, uma das prioridades deve ser uma maior integração para a criação de programas de formação de mão de obra para a Indústria 4.0.

O economista Walter Tadahiro Shima, professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), considera que essa integração é necessária para inserir o Paraná e o Brasil na 4ª Revolução Industrial. "Os governos em todas as esferas precisam passar a ter uma visão sistêmica do que entendemos por Sistema de Inovação, que compreende o conjunto de instituições públicas e privadas que poderiam estar articuladas e comprometidas para o desenvolvimento científico e tecnológico", afirma. "Seria importante o governo ver a necessidade de uma grande articulação governo–universidades-empresas e entender que possui diversas ferramentas de política industrial no Estado que poderiam ser melhor organizadas, focadas na inovação, especialmente em Indústria 4.0", completa.

TENDÊNCIA

Quando a aparência é fundamental

Design de exportação surge como ferramenta eficaz para empresas se estabelecerem no mercado externo

Por Douglas Luz

O design é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de produtos e serviços competitivos, focados nas necessidades dos consumidores. São várias as iniciativas que as empresas brasileiras têm buscado para se destacarem no mercado externo. É justamente nesse sentido que surge o design de exportação.

Esse nicho é uma estratégia eficiente de desenvolvimento de projetos, produtos, embalagens, ambientes, sites e e-commerces de marcas que querem atingir um mercado global, impactante e com mais resultados. No Brasil, o design possui números bem expressivos. Um estudo feito pelo Centro Brasil Design – hub que atua na conexão entre o design brasileiro, a indústria, os empresários e o governo –, em 2014, mostrou que mais de 10 mil designers são formados anualmente.

De acordo com Ana Brum, diretora-técnica da instituição, o design brasileiro tem sido cada vez mais reconhecido e premiado nacional e internacionalmente. Para ela, existe maior vantagem quando a empresa o incorpora na sua estratégia, desde a concepção dos produtos até a sua fabricação. "O mecanismo de integração em todos os processos para a concretização e execução dos produtos é muito vantajoso, por possibilitar uma interação com outras áreas da empresa", ressalta.

A diretora diz perceber, ainda, certa maturidade das empresas no entendimento sobre como o design pode trazer ganhos competitivos para o negócio. "Na prática, o empresariado tem investido em design, inovação e sustentabilidade como ferramentas para aumentar sua competitividade no mercado interno e externo. Já estão cansados de competir unicamente por preço", afirma.

> "NA PRÁTICA, O EMPRESARIADO TEM INVESTIDO EM DESIGN, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE COMO FERRAMENTAS PARA AUMENTAR SUA COMPETITIVIDADE NO MERCADO INTERNO E EXTERNO."

Crédito: Divulgação

ANA BRUM, DIRETORA-TÉCNICA DO CENTRO BRASIL DESIGN.

Iniciativas em prática

O panorama do design no Brasil está em pleno desenvolvimento. Grandes designers, especialmente jovens, têm buscado o mercado internacional para se desenvolver. "A indústria e o empresariado brasileiro começam a perceber que a área é um investimento e não um custo", destaca.

É o caso da Vuelo Pharma, de Curitiba. O seu principal produto é a Membrana Regeneradora Porosa, um curativo capaz de substituir temporariamente a pele humana e promover uma cicatrização mais rápida e sem dor. Diante da necessidade de disponibilizar no mercado uma solução específica, viu no Programa Design Export, do Senai, a oportunidade ideal para desenvolver novas embalagens que se adequassem melhor ao transporte de longas distâncias e que cumprissem as premissas exigidas nos Países de destino, como adaptação de linguagem, entre outras particularidades do cliente. As três embalagens que integram o produto foram adaptadas para os idiomas espanhol e inglês, e o layout e materiais utilizados foram ajustados com foco na diminuição de volume dos custos de produção.

De acordo com o sócio-diretor da empresa, Thiago Moreschi, as novas embalagens garantem a integridade da membrana, pois os formatos e materiais selecionados são ideais para a logística atual – principalmente pelo fato de serem transportadas para longas distâncias. "A partir da inserção do produto em outros Países, novos negócios serão alavancados, possibilitando a expansão da empresa no mercado internacional", declara.

Crédito: Divulgação

> "A PARTIR DA INSERÇÃO DO PRODUTO EM OUTROS PAÍSES, NOVOS NEGÓCIOS SERÃO ALAVANCADOS, POSSIBILITANDO A EXPANSÃO DA EMPRESA NO MERCADO INTERNACIONAL."

THIAGO MORESCHI, SÓCIO-DIRETOR DA VUELO PHARMA, EMPRESA PARANAENSE DE PRODUTOS BIOTECNOLÓGICOS.

Já na Tecmater, empresa curitibana que fabrica e distribui equipamentos de proteção individual (EPIs) para o setor agroflorestal, o projeto, que também fez parte do programa do Senai, envolveu desenvolvimento e padronização da comunicação e identidade visual da organização. Foi criada uma unidade na exposição da marca e dos produtos nos pontos de venda. Como benefícios estão o aumento na percepção de profissionalismo, a capacidade de desenvolvimento e a geração de novos negócios.

Para o diretor da empresa, Rafael Franco, o design de exportação serviu para entender a importância de uma identidade e do uso linear na criação, o material de suporte de marketing e o desenvolvimento dos produtos e das embalagens. "No início, buscamos ajuda por meio do Centro Design Brasil, o qual nos capacitou e orientou sobre como inserir essa estratégia na cultura organizacional. Isso tem gerado mais valor para a empresa e, consequentemente, mais negócios com nossos parceiros, agregando valor na imagem e nos produtos com os quais eles atuam", enfatiza.

Crédito: Gelson Bampi

> "ISSO TEM GERADO MAIS VALOR PARA A EMPRESA E,CONSEQUENTEMENTE, MAIS NEGÓCIOS COM NOSSOS PARCEIROS, AGREGANDO VALOR NA IMAGEM E NOS PRODUTOS COM OS QUAIS ELES ATUAM."
>
> RAFAEL FRANCO, DIRETOR DA TECMATER, FABRICANTE CURITIBANA DE EPIS PARA O SETOR AGROINDUSTRIAL.

Crédito: DDD

O design de exportação fez com que fosse criada uma unidade na exposição da marca e dos produtos Tecmater no ponto de venda.

Design Export

É um programa que contribui para o aumento da competitividade das empresas brasileiras no exterior, por meio do desenvolvimento de produtos e embalagens voltadas à exportação – fruto de uma parceria entre a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) e o Centro Brasil Design (CBD).

Direcionado às indústrias brasileiras, de qualquer setor ou região, interessadas em desenvolver embalagens e produtos voltados ao mercado internacional, é baseado na metodologia Design na Prática©, com o objetivo de facilitar a inserção do design na indústria. As empresas recebem consultorias individualizadas sobre o assunto, com foco na criação de uma cultura organizacional de inovação, exportação, entre outros.

Mais informações: *designexport.org.br* ■

Créditos: Brain Box

Neste universo de prestadores de serviços em design, a rede em Consultoria em Design do Senai tem se somado aos mais de 600 escritórios no Brasil que possuem suas especificidades de atuação e contribuem para a melhoria contínua do bom uso da ferramenta para agregação de valor. Em relação à atuação no Paraná, o tema possui significativa expressão no Conselho Temático de Políticas Públicas, Inovação e Design – coordenado pelo vice-presidente da Fiep, Carlos Walter Martins Pedro.

Quanto ao programa Design Export, que tem alcance nacional, algumas unidades do Senai se cadastraram como executoras de serviços para as empresas interessadas, como foi o caso do Rio Grande do Sul, Bahia, São Paulo, Ceará. O papel do Senai nesta movimentação de incentivo do design pelas empresas pode ser potencializado em função da sua grande capilaridade, credibilidade e respeito por levar informações de qualidade às indústrias brasileiras.

Crédito: Divulgação

SÉRIE POLO INDUSTRIAL

LINHA DE PRODUÇÃO DA NHS, EM CURITIBA.

Um polo de tecnologia e inovação

Indústria eletroeletrônica do Paraná aposta em pesquisa e desenvolvimento para conquistar mercados no País

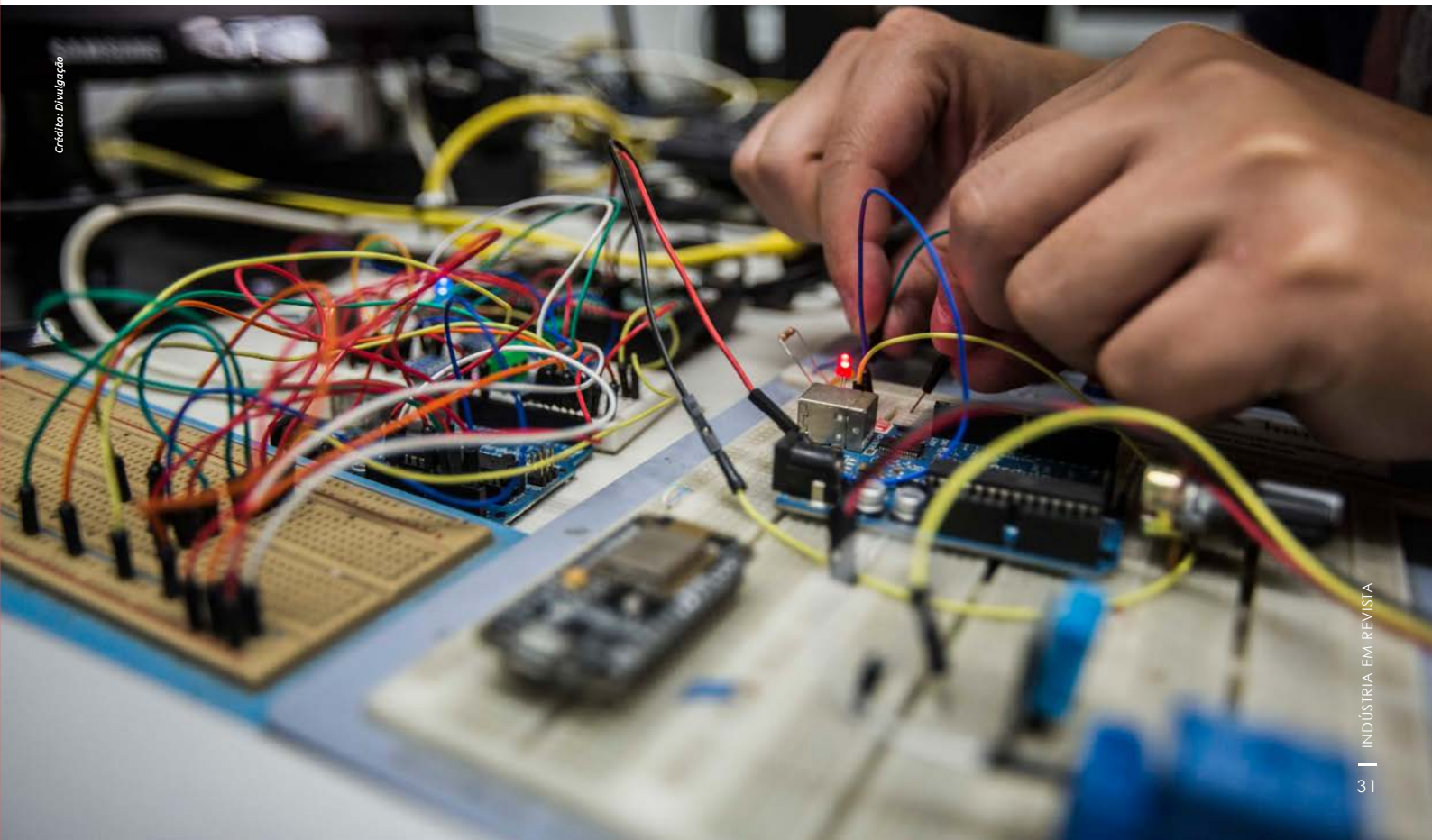
por Rodrigo Lopes

Produtos de alto valor agregado, mão de obra qualificada, investimentos em pesquisa, desenvolvimento e inovação. Esses são alguns dos pontos altos da indústria eletroeletrônica do Paraná. Um polo industrial que, mesmo enfrentando dificuldades, tem diversas empresas que são referência nacional em suas áreas de atuação.

"Um ponto que chama a atenção na indústria eletroeletrônica é a grande diversidade de itens produzidos pelas empresas do setor", afirma o diretor-executivo do Sindicato das Indústrias Eletroeletrônicas do Paraná (Sinaees-PR), Jackson de Barros. Esses itens vão desde eletrodomésticos, como fogões, refrigeradores e máquinas de lavar, até componentes eletrônicos utilizados em veículos. Equipamentos transmissores de comunicação, aparelhos de medida, cronômetros, relógios, pilhas e baterias (exceto para automóveis) e equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica são outros exemplos. Pelos últimos dados consolidados disponíveis, o setor no Paraná é composto por 3.530 empresas, que empregam cerca de 33 mil trabalhadores e geram uma receita líquida de vendas anual de R$ 11,5 bilhões. O maior polo está em Curitiba e Região Metropolitana, mas também se destacam cidades como Londrina, Maringá e Ponta Grossa.

Dentro dessa variedade, encaixam-se empresas de diferentes portes, incluindo multinacionais como a fabricante de eletrodomésticos Electrolux, a produtora de compressores e ares-condicionados para veículos Denso ou a fabricante de cabos e acessórios de comunicação Furukawa. Destacam-se, também, empresas criadas no Paraná que são referência em seus segmentos, como a Bematech, pioneira na produção de impressoras fiscais e que hoje oferece diversos equipamentos e soluções para automação comercial, ou a Riole, que produz aparelhos de áudio profissional e interpretação simultânea.

> "UM PONTO QUE CHAMA A ATENÇÃO NA INDÚSTRIA ELETROELETRÔNICA É A GRANDE DIVERSIDADE DE ITENS PRODUZIDOS PELAS EMPRESAS DO SETOR."
>
> JACKSON DE BARROS, DIRETOR-EXECUTIVO DO SINAEES-PR.



Crédito: Divulgação

Crédito: Gelson Bampi

Desenvolvimento e inovação

Em comum entre a grande maioria das indústrias eletroeletrônicas está a prioridade dada à pesquisa, desenvolvimento e inovação. "Temos uma área de desenvolvimento que permite que a gente ofereça produtos de altíssima qualidade e confiabilidade", afirma Jairo Leal, gerente comercial da Magnetron. Criada em 1960 em Joinville (SC), desde 1995 sua sede está instalada em São José dos Pinhais, contando com uma linha de mais de 1,7 mil itens para sistema elétrico de motocicletas. Durante 25 anos a empresa foi fornecedora de montadoras como Honda e Yamaha. Depois disso, aproveitou o conhecimento adquirido no período para se dedicar ao mercado de reposição – segmento em que hoje é referência nacional, com seus produtos distribuídos por todos os Estados.

Leal explica que, para conseguir oferecer um produto de qualidade e que atenda às especificações das motos em circulação no País, o trabalho dos pesquisadores é fundamental. "Quando uma montadora lança uma moto nova, a Magnetron compra essa moto e a desmonta inteira, para conhecer todos os segmentos. Toda a equipe de engenharia e desenvolvimento de produtos estuda uma determinada peça e vai buscar fornecedores para que, dentro das especificações técnicas, possa desenvolvê-la", diz.

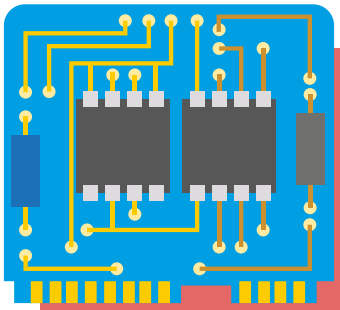
Quem também tem em sua essência o desenvolvimento de produtos e soluções de acordo com as necessidades do mercado é a NHS. Fundada em Curitiba por três ex-funcionários da Embratel, a empresa produz nobreaks, estabilizadores de tensão, acessórios e módulos de baterias. Em 2019, completa 30 anos, contando com aproximadamente 300 colaboradores. "A NHS sempre desenvolveu os seus produtos com tecnologia 100% nacional e, consequentemente, adequados às necessidades do mercado local", conta Ronaldo Borges Paiva, diretor de Marketing. Para isso, possui uma equipe própria de pesquisa e desenvolvimento, além de convênios com universidades e instituições brasileiras. "O fato de desenvolvermos os nossos próprios produtos, aliado a um processo fabril bastante flexível, nos permite oferecer uma grande gama de produtos e soluções e, assim, melhor atender às demandas de nossos clientes", completa Paiva.

> "TODA A EQUIPE DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS ESTUDA UMA DETERMINADA PEÇA E VAI BUSCAR FORNECEDORES PARA QUE, DENTRO DAS ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS, POSSA DESENVOLVÊ-LA."
>
> JAIRO LEAL, GERENTE COMERCIAL DA MAGNETRON, FABRICANTE DE PEÇAS PARA MOTOCICLETAS.

Recuperação pós-crise

Assim como praticamente todos os segmentos da economia brasileira, a indústria eletroeletrônica também sofreu com a forte recessão atravessada pelo País nos últimos anos. As dificuldades resultaram no fechamento de empresas e postos de trabalho. Porém, desde o ano passado já vem sendo sentida uma recuperação, o que incentiva as companhias a desenvolverem novos planos e a projetar crescimentos relevantes para este ano. Uma pesquisa realizada em nível nacional pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), em janeiro, apontou que 51% das indústrias do setor pretendem aumentar seus investimentos em 2019. Entre essas, 49% já iniciou ou tinha a intenção de aumentar os investimentos ainda no primeiro trimestre deste ano.

No Paraná, esse movimento também é percebido. A NHS, por exemplo, já vinha investindo em uma nova divisão de negócios, a NHS Solar, para a produção de geradores fotovoltaicos e inversores solares híbridos. A nova linha deve começar a ser comercializada ainda no primeiro semestre de



Potencialidades e desafios

Para que todo o processo de desenvolvimento de novos produtos e conquista de mercados por parte da indústria eletroeletrônica paranaense aconteça, um fator é apontado como essencial: a mão de obra qualificada. "Temos trabalhadores extremamente qualificados no Estado, o que é ressaltado pelos próprios empresários do setor. E, para isso, o trabalho do Senai é fundamental", afirma Jackson de Barros, do Sinaees-PR. Ronaldo Borges Paiva, da NHS, destaca também as instituições de Ensino Superior que formam profissionais para o setor. "O Paraná possui universidades de renome, que geram muitos profissionais com talento e habilidades indispensáveis para quem quer gerar tecnologia e inovação", diz.

Por outro lado, o setor também enfrenta alguns gargalos. "Nos últimos anos, tivemos aumentos expressivos no ICMS para produtos eletroeletrônicos no Paraná, o que afeta a competitividade", relata Barros. Outro problema que muitas empresas enfrentam vem do fato de que boa parte dos componentes utilizados na produção é importada. "Cerca de 80% dos insumos vêm de fora. Então, são frequentes os problemas com a burocracia para o desembaraço alfandegário", explica o executivo. Para ajudar na busca por soluções, no ano passado o sindicato, com o apoio da Fiep, inclusive recorreu à Justiça, obtendo liminares para garantir que as mercadorias chegassem até as indústrias.

> "O PARANÁ POSSUI UNIVERSIDADES DE RENOME, QUE GERAM MUITOS PROFISSIONAIS COM TALENTO E HABILIDADES INDISPENSÁVEIS PARA QUEM QUER GERAR TECNOLOGIA E INOVAÇÃO."
>
> RONALDO BORGES PAIVA, DIRETOR DE MARKETING DA NHS, FABRICANTE DE NOBREAKS E OUTROS PRODUTOS ELETRÔNICOS.

Crédito: Divulgação

2019, o que ajuda a empresa a projetar um crescimento de 25% para este ano. "Essa meta se baseia no crescimento esperado nas divisões de negócios de nobreaks e de geradores fotovoltaicos, ancorado à expansão desses mercados e também ao lançamento de novos produtos e soluções", afirma Paiva.

Na Magnetron, a estimativa é de crescimento de 15% a 18%. "Essa previsão está baseada em estudos de mercado, crescimento da frota, pesquisas com clientes e com o consumidor final, que está tendo mais recursos para fazer a manutenção de sua moto", justifica Leal. A empresa também prevê lançamentos para ampliar seus mercados. Ainda no primeiro semestre, vai passar a comercializar baterias para motos, segundo o gerente comercial, para atender a uma demanda dos clientes. Depois das dificuldades da crise, esses são exemplos de que a indústria eletroeletrônica ainda tem muito a crescer no Paraná.

O SETOR EM NÚMEROS (*)

	3.530 empresas
	8,2% do total de empresas do setor no País
	33.155 trabalhadores
	7,8% do total de empregos do setor no País
	11,5 bilhões em receita líquida de vendas

*FONTE: FIEP.

Crédito: Gelson Bampi

Com a produção de 1,7 mil itens de reposição para motos, a Magnetron, de São José dos Pinhais, é referência nacional neste ramo.

INFRAESTRUTURA

Expansão industrial depende de avanços no setor aéreo do Paraná

Empresários se mobilizam para ampliar negócios e atrair investimentos para o Estado

por Patrícia Gomes

Falta de opções de voos, passagens caras e horas perdidas em deslocamento ou em conexões nos aeroportos. Estes são os gargalos da aviação comercial paranaense e um dos principais desafios para os governos estadual e federal. A ampliação da malha aérea do Paraná é essencial para atrair investimentos e gerar negócios no Estado.

Até 2014, havia pelo menos três companhias aéreas e vários horários para viajar pelo Paraná. Londrina, por exemplo, contava com sete voos diretos por dia para Curitiba e sete opções para retorno. Com a redução da demanda e o aumento na alíquota do ICMS que incide sobre o querosene da aviação, que passou de 12% para 18%, as empresas reduziram os voos. Hoje, o mesmo trecho tem apenas duas opções de horários diários diretos para ida e dois para volta, numa única companhia. Muitas vezes é necessário fazer conexão em São Paulo para chegar ao destino.

Dados da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) dão conta de que até metade de 2015 desembarcavam diariamente na capital paranaense, vindos de outras cidades do Estado, 16% do total de passageiros que circulavam no Aeroporto Afonso Pena, na região de Curitiba. O número caiu pela metade, em 2017 e no ano passado.

Defesa de interesses

Lideranças do setor produtivo se mobilizaram para apresentar ao governo as consequências deste encolhimento da malha aérea. O governo estadual incentivou as companhias com a redução de 2% no ICMS da aviação em troca de uma oferta maior nos voos em cidades não atendidas no Paraná.

A medida foi um alívio para os industriais do Norte do Estado. "O deslocamento aéreo é essencial para a nossa atividade e a reparação de um grande equívoco tributário causado pela ânsia de aumentar a arrecadação sem analisar as consequências", avalia o vice-presidente da Fiep e do Sindimetal de Londrina, Ary Sudan.

Os aeroportos de Londrina, Foz do Iguaçu e de Curitiba (Afonso Pena e Bacacheri), pertencem à Infraero e estão na lista dos que devem ser concessionados nos próximos meses. Segundo a ANAC, o objetivo é atrair investimentos e melhorar o atendimento aos usuários. A primeira etapa de concessões começou em 2011, com o aeroporto do Rio Grande do Norte. E, logo em seguida, em 2012, os aeroportos de Brasília (DF), Guarulhos (SP) e Viracopos, em Campinas (SP). Em 2013, ocorreu a segunda fase, com o Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim (Galeão), no Rio de Janeiro, e de Confins, em Minas Gerais. "As concessões foram um sucesso e aceleraram a execução de obras para a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos do Brasil", explica o gerente dos Conselhos Temáticos e Setoriais da Fiep, João Arthur Mohr.

> "O DESLOCAMENTO AÉREO É ESSENCIAL PARA A NOSSA ATIVIDADE E A REPARAÇÃO DE UM GRANDE EQUÍVOCO TRIBUTÁRIO CAUSADO PELA ÂNSIA DE AUMENTAR A ARRECADAÇÃO SEM ANALISAR AS CONSEQUÊNCIAS."

ARY SUDAN, VICE-PRESIDENTE DA FIEP E DO SINDIMETAL DE LONDRINA.

Em 2017, o processo foi nos terminais de Fortaleza, Salvador, Florianópolis e Porto Alegre. Em outubro do ano passado, foram incluídos no Programa Nacional de Desestatização mais 13 aeroportos para concessão em blocos regionais (Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste), com unidades de capitais e cidades do interior dos Estados. A licitação estava prevista para 15 de março.

De acordo com Mohr, recentemente o governo do Paraná solicitou a inclusão do Estado no programa de concessões e há a possibilidade de ser criado um bloco estadual com outros terminais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. "As concessões são necessárias. O Estado tem papel fundamental de controlar a atuação das empresas para que não haja abuso de poder econômico", completa. Devem ser concessionados ainda os aeroportos de Congonhas, em São Paulo, e Santos Dumont, no Rio de Janeiro.

Segundo a Secretaria de Estado de Infraestrutura e Logística (Seil), o Paraná possui 39 aeródromos públicos e 50 privados. Na análise socioeconômica, foram selecionados 12 com potencial de integrar a rede estadual. O Afonso Pena (em São José dos Pinhais), os de Londrina, Maringá, Foz do Iguaçu e Cascavel, que já recebem voos regulares, além de Ponta Grossa, Umuarama, Pato Branco, Guarapuava, União da Vitória, Telêmaco Borba e Siqueira Campos, que ainda não têm movimentação significativa. Ponta Grossa, Toledo e Pato Branco já estão recebendo voos comerciais da Azul partindo de Curitiba. "A medida faz parte do programa de incentivo do governo estadual, que dá desconto de 2% no ICMS sobre o combustível de aviação a cada novo destino que as operadoras passarem a atender", detalha Mohr.

Crédito: Divulgação/Prefeitura de Pato Branco

Em Janeiro, o Aeroporto de Pato Branco, no Sudoeste do Paraná, passou a receber voos semanais diretos vindos de Curitiba.

Aviação regional

A Secretaria de Aviação Civil (SAC), do Ministério da Infraestrutura, definiu os aeroportos qualificados para receber investimentos. "As obras nos aeroportos de Cascavel, Maringá e Ponta Grossa começam este ano, com investimentos que somam mais de R$ 140 milhões e representarão aumento de capacidade, segurança e conforto aos usuários", resume o coordenador-geral de estudos e projetos da Secretaria de Aviação Civil, Márcio Maffili Fernandes.

O orçamento em Ponta Grossa prevê R$ 35 milhões para a construção de um novo terminal de passageiros, ampliação e reforma do pátio para estacionamento de aeronaves e a construção de uma nova pista para taxiamento, mas ainda não há um cronograma definido para as obras. A SAC também já

"O AEROPORTO É ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO E PARA A ATRAÇÃO DE GRANDES EMPRESAS."

Crédito: Gelson Bampi

DARCY MIARA, DIRETOR DA FIEP E INDUSTRIAL DA REGIÃO DE PONTA GROSSA.

> “MARINGÁ DEVE RECEBER MAIS OPÇÕES DE VOOS DIÁRIOS, MELHORANDO A COMPETITIVIDADE DA NOSSA INDÚSTRIA.”

CARLOS WALTER MARTINS, VICE-PRESIDENTE DA FIEP E EMPRESÁRIO DO SETOR METALMECÂNICO.

disponibilizou um pórtico detector de metais para reforçar a segurança. “O aeroporto é estratégico para o desenvolvimento e para a atração de grandes empresas”, defende o diretor da Fiep e industrial da região, Darcy Miara.

Em Maringá está prevista a ampliação da capacidade da pista de pouso e decolagem, construção de uma nova pista para taxiamento, ampliação e reforma do pátio de aeronaves e investimento no grupamento de bombeiros, além de iluminação e melhorias no terminal de passageiros. O aeroporto já recebeu equipamento de raio-x de bagagem de mão e um pórtico detector de metais. Também há previsão da aquisição do ILS 1, instrumento que oferece maior visibilidade. “Quase a totalidade dos R$ 81,5 milhões são verbas cedidas pela SAC para o Município. O contrato foi assinado e as obras devem iniciar no segundo semestre, com previsão de dois anos para conclusão”, destaca Fernandes.

Previsão de investimentos na malha aérea paranaense

*Terminais com potencial para integrar a rede estadual de aeroportos.

> “A REDUÇÃO NO ICMS FOI MUITO IMPORTANTE. CASCAVEL E TOLEDO SEGUIRÃO INVESTINDO EM ADEQUAÇÕES PARA MELHORAR O ATENDIMENTO. E O PROJETO DE UM AEROPORTO REGIONAL, NO LONGO PRAZO, TRARÁ AINDA OPÇÕES DE VOOS PARA O OESTE DO ESTADO.”

EDSON VASCONCELOS, VICE-PRESIDENTE E COORDENADOR DO CONSELHO TEMÁTICO DE INFRAESTRUTURA DA FIEP.

“Maringá deve receber mais opções de voos diários, melhorando a competitividade da nossa indústria”, comemora Carlos Walter Martins Pedro, vice-presidente da Fiep e empresário do setor metalmecânico.

Em Cascavel, o novo projeto terá a construção de um novo terminal de passageiros e reforma do pátio de estacionamento de aeronaves. As obras estão orçadas em R$ 17 milhões e começam em abril. O terminal também recebeu equipamento de raio-x e um pórtico detector de metais para reforçar a segurança. Outro projeto em Cascavel, de R$ 8 milhões, bancado pela SAC, inclui a construção de uma pista para taxiamento, novo pátio e reforma da seção contra incêndios do terminal. “A estimativa para execução das obras é de aproximadamente 18 meses”, afirma Fernandes.

“A redução no ICMS foi muito importante. Cascavel e Toledo seguirão investindo em adequações para melhorar o atendimento. E o projeto de um aeroporto regional, no longo prazo, trará ainda opções de voos para o Oeste do Estado”, diz o vice-presidente e coordenador do Conselho Temático de Infraestrutura da Fiep, Edson Vasconcelos.

Dentro do Programa Aeroviário Nacional, a SAC previu a necessidade de construção de um novo aeroporto na região Sudoeste do Paraná, entre Pato Branco e Francisco Beltrão. “Os aeroportos que operam atualmente têm limitações técnicas que inviabilizam ampliações. Este projeto ainda está em fase embrionária. É uma obra para o longo prazo”, finaliza Márcio Maffili Fernandes. ■

Márcio Maffili Fernandes é coordenador-geral de estudos e projetos da Secretaria de Aviação Civil (SAC), do Ministério de Infraestrutura.

INOVAÇÃO

Chatbots: futuro da comunicação corporativa?

A ferramenta tem sido utilizada para diferentes aplicações, melhorando processos e gerando resultados para as empresas

Por Priscila Aguiar

A inteligência artificial está em evidência em diversos meios. Mesmo assim, quando se fala no assunto, muitos talvez ainda se lembrem de algum filme de ficção científica em que robôs humanoides conquistam o mundo, ocupando o lugar das pessoas. Mas o conceito, que existe há décadas, é muito mais simples do que parece: é um ramo que visa elaborar dispositivos que simulam a capacidade humana de realizar tarefas, como tomar decisões e solucionar problemas.

> “ENTRE OS BENEFÍCIOS, NOTAMOS A SIMPLIFICAÇÃO E A VELOCIDADE NOS PROCESSOS, ALÉM DA DISPONIBILIDADE – ESSES CANAIS FUNCIONAM 24 HORAS POR DIA, TODOS OS DIAS DA SEMANA.”

ANDRÉ MAINARDES, COORDENADOR DE TI DA BRF, MULTINACIONAL DO RAMO DE ALIMENTAÇÃO COM SEDE NO PARANÁ.

Os *chatbots* – sistemas computacionais que realizam ações programadas, simulando uma conversa – são um exemplo disso, já que levam às empresas diferentes possibilidades de atuação no atendimento. As novas tecnologias conversacionais têm impulsionado a transformação digital das organizações e proporcionado a interação de maneira simples e cada vez mais humanizada, a exemplo de atendentes virtuais utilizados em algumas instituições bancárias.

As aplicações são variadas, e vão do esclarecimento de dúvidas, com o uso de FAQs (perguntas e respostas pré-definidas), até a automatização de tarefas. Se bem utilizados, os *chatbots* podem reduzir custos e aumentar a eficiência em diversos processos de uma organização. “Para empresas com projetos consistentes, ou seja, que consideram uma evolução da ferramenta, os benefícios são informações mais precisas e atendimento mais consistente”, explica Roberto Francisco de Souza, CEO e Technology Evangelist da Kukac, que fornece softwares cognitivos.

Por isso, cada vez mais companhias estão adotando este tipo de sistema. Um estudo da consultoria Gartner prevê que, até 2021, 25% dos profissionais usarão diariamente assistentes virtuais empresariais. E isso já é realidade em diversas indústrias paranaenses, como a BRF, uma das maiores organizações de alimentos do mundo.

A empresa utiliza essa aplicação desde 2017 com o público interno, para atendimento a demandas de RH e TI. As vantagens foram percebidas em pouco tempo. “Entre os benefícios, notamos a simplificação e a velocidade nos processos, além da disponibilidade – esses canais funcionam 24 horas por dia, todos os dias da semana”, explica André Mainardes, coordenador de TI da BRF.

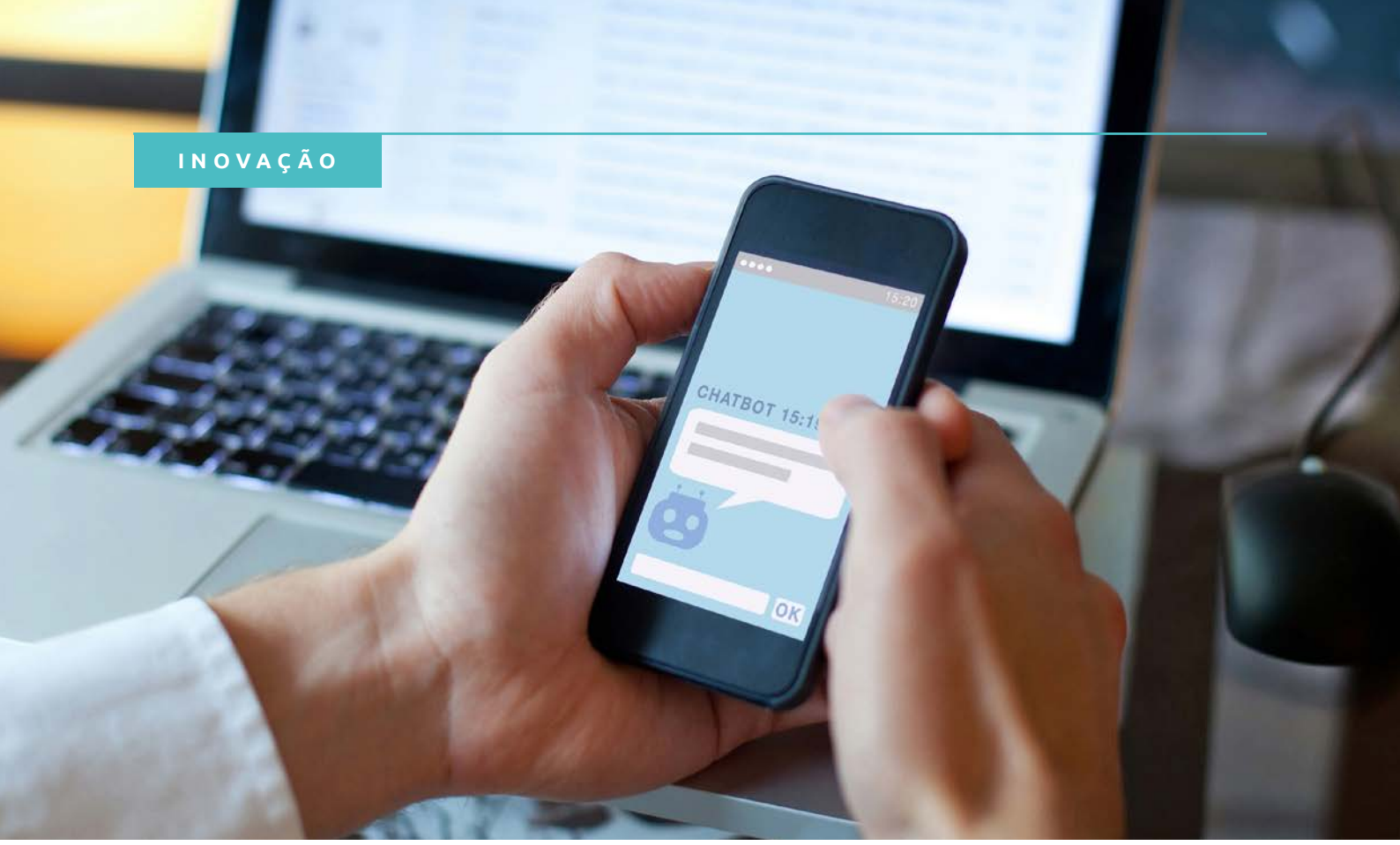
Atualmente, a multinacional recebe mais de 2.500 chamados mensais pelo *chatbot* de TI, conhecido como EVA, e cerca de 7 mil pela assistente virtual de RH, que leva o nome de Flor. As duas soluções respondem com eficácia a dúvidas ou solicitações, resultando em 94% de usuários satisfeitos.

Mas a adoção dessa ferramenta também tem pontos de atenção. “Por trás de um projeto de assistente virtual deve haver um de análise de dados para que essa solução possa responder a uma variedade de intenções de perguntas. Um projeto mal planejado, sem considerar que o chatbot deve aprender constantemente, possivelmente terá que ser refeito”, explica o CEO da Kukac.

Segundo ele, essas tecnologias podem, sim, substituir alguns trabalhos humanos. E isso já vem acontecendo. “Há algumas cafeterias no exterior em que você chega e é atendido por um robô. A qualidade de atendimento é melhor ou pior? A sensação que tenho é de que é igual. Sendo igual, tanto faz se é robô ou gente. Teremos, então, que nos tornar mais humanos no atendimento. Mas seremos capazes disso?”, questiona.

A solução também se torna favorável quando falamos de custos. “Há um custo por estação de atendimento entre 7 e 13 vezes menor numa estação baseada em inteligência artificial, ainda sem interface humana. Impossível de concorrer”, completa o executivo.

Moisés Cardoso, especialista em novas mídias, vê nesse risco uma oportunidade para que os funcionários se tornem mais



> HÁ ALGUMAS CAFETERIAS NO EXTERIOR EM QUE VOCÊ CHEGA E É ATENDIDO POR UM ROBÔ. A QUALIDADE DE ATENDIMENTO É MELHOR OU PIOR? A SENSAÇÃO QUE TENHO É DE QUE É IGUAL. SENDO IGUAL, TANTO FAZ SE É ROBÔ OU GENTE. TEREMOS, ENTÃO, QUE NOS TORNAR MAIS HUMANOS NO ATENDIMENTO. MAS SEREMOS CAPAZES DISSO?

Crédito: Gabriel Agapio

ROBERTO FRANCISCO DE SOUZA, CEO E TECHNOLOGY EVANGELIST DA KUKAC, FORNECEDORA DE SOFTWARES COGNITIVOS.

criativos e busquem se qualificar. "Muitos dos trabalhos braçais e repetitivos tendem a ser desenvolvidos pela inteligência artificial, liberando o trabalhador para novas funções e potencializando as empresas", comenta.

Para o estudioso, o tema é controverso e gera diversas interpretações. "A tecnologia tende a extinguir um grande número de profissões que existem hoje no mercado. Assim como criará mais da metade das que ainda não existem atualmente. Tudo é questão de perspectiva, de visualizar o copo meio cheio ou meio vazio", destaca.

Evolução constante

É difícil falar sobre *chatbots* sem lembrar de *machine learning* (ou aprendizado de máquina). Isso porque programar essas ferramentas para serem cada vez mais inteligentes e absorverem mais informações é fundamental para a evolução deste tipo de projeto.

Esse é, inclusive, um dos aspectos que Roberto Francisco de Souza, da Kukac, pontua como fatores de sucesso para a implementação dessas plataformas. "O primeiro é a mudança cultural, porque se não mudar a cultura, terá sempre um batalhão de resistentes que fará o projeto parar. O segundo é

poder pensar à frente, analisando quais serão os incrementos que a empresa precisará fazer na solução. E as companhias ainda têm muita dificuldade de fazer essa avaliação", explica. ■

> "A TECNOLOGIA TENDE A EXTINGUIR UM GRANDE NÚMERO DE PROFISSÕES QUE EXISTEM HOJE NO MERCADO. ASSIM COMO CRIARÁ MAIS DA METADE DAS QUE AINDA NÃO EXISTEM ATUALMENTE. TUDO É QUESTÃO DE PERSPECTIVA, DE VISUALIZAR O COPO MEIO CHEIO OU MEIO VAZIO."

MOISÉS CARDOSO, ESPECIALISTA EM NOVAS MÍDIAS.

Qualificação voltada à inteligência artificial

Na plataforma Mundo Senai, foram disponibilizados, por meio de uma parceria entre Senai, Sesi e Microsoft, cursos gratuitos aos interessados em aprender sobre inteligência artificial. O portal é aberto e pode ser acessado tanto por alunos do Senai e do Sesi quanto por qualquer pessoa com interesse em se aprofundar no tema.

Entre as capacitações estão Introdução à Inteligência Artificial, Introdução à Ciência de Dados, Fundamentos da Ciência de Dados e Desenvolvimento de Soluções com Serviços Cognitivos Azure, Bot e IoT (sigla em inglês para internet das coisas). Para saber mais, acesse *cursos.mundosenai.com.br*.

As Faculdades da Indústria também oferecem formações que abordam o tema, como a Especialização em Liderança para Transformação Digital e Indústria 4.0, Especialização em Data Science para Iot, Especialização em Big Data e Sistemas Inteligentes, entre outras. Saiba mais em *faculdadesdaindustria.org.pos/pos-graduacao*.

Crédito: Divulgação Sítio 3 Meninas

Com o maior território de erva-mate nativa e sombreada, o Paraná responde por mais de 50% da produção nacional.

Um novo brilho para o ouro verde

Precursora da industrialização do Paraná, a erva-mate desponta repaginada e com potencial para protagonizar papéis de destaque em diferentes setores

por Edilane Marques

Chimarrão, tereré, mate gelado e refresco em pó de mate a maioria das pessoas conhece. Alguns cosméticos à base da erva-mate também começam a se popularizar. Mas quem imaginou encontrar chocolate, bolo, pão, cerveja e até sorvete verdes por terem entre os ingredientes a erva-mate? Nos últimos anos, a planta *Ilex paraguariensis* tem surpreendido pesquisadores, produtores e fabricantes com as infinitas possibilidades de uso.

Precursora da industrialização do Estado, a erva-mate é tão importante que tem um ciclo histórico dedicado a ela, além de estar representada na bandeira e no brasão do Paraná. O Estado responde por mais de 50% da produção brasileira de mate e coloca o Brasil em primeiro lugar na lista de produtores em todo o mundo. É também em terras paranaenses que está concentrada a maior parte de ervais nativos e sombreados. Essa origem nativa, o sombreamento, o clima e o solo diferenciam o nosso produto frente ao restante do País.

Desde a extração, no século XVI, até os dias atuais, muita coisa mudou. O cenário competitivo e os novos hábitos de consumo levaram as indústrias a se reinventarem. A Baldo S/A, fundada em 1920 em Vespasiano Corrêa, no Rio Grande do Sul, mantém a tradição, com o olho no futuro. Composta por unidades nos três Estados do Sul, uma em Goiás e uma distribuidora no Uruguai, a indústria sabe que há muito a ser explorado na erva-mate. Leandro Gheno, vice-presidente da Baldo S/A, de São Mateus do Sul, e presidente da Câmara Setorial da Erva-Mate, do Ministério da Agricultura, conta que as instituições estão trabalhando possibilidades com o chá. "Não é nada novo, nosso chá existe há algumas décadas, porém começamos a trabalhar com pesquisa e desenvolvimento de processos, roupagem e comunicação diferentes. Não existe produto melhor que o outro, já que a erva é a mesma, mas existe, sim, foco em determinados mercados e consumidores", diz.

Há quatro anos na Câmara Setorial do Ministério da Agricultura, Gheno enaltece o novo momento do setor. "Estamos amadurecendo uma nova fase e cabe a gente, que tem um pouco mais de estrada, nortear quem está querendo inovar. Ainda há uma confusão grande entre chá-mate, tostado, mate verde, e a melhor coisa que fazemos pelo setor é falar bem do produto, de forma institucional" , ressalta.

> "NÃO É NADA NOVO, NOSSO CHÁ EXISTE HÁ ALGUMAS DÉCADAS, PORÉM COMEÇAMOS A TRABALHAR COM PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE PROCESSOS, ROUPAGEM E COMUNICAÇÃO DIFERENTES."
>
> LEANDRO GHENO, VICE-PRESIDENTE DA BALDO S/A, DE SÃO MATEUS DO SUL, E PRESIDENTE DA CÂMARA SETORIAL DA ERVA-MATE.

Só o Paraná tem

Bituruna está entre os seis municípios paranaenses que mais produzem erva-mate sombreada. É de lá a Associação Biturunense da Erva-Mate (Abem), presidida pelo produtor Naldo Vaz, que também é proprietário do Sítio 3 Meninas, onde cultiva e fornece a erva. Ele acredita que esse novo momento começou porque o mercado reconheceu as propriedades e os benefícios da erva-mate para a saúde. E o Paraná tem um trunfo. "Esses princípios ativos são iguais para todas as ervas cultivadas, mas o mercado cada vez mais valoriza o produto com apelo ambiental, social, sustentável, e isso só tem aqui no nosso Estado", destaca.

Ele conta que no Vale do Iguaçu estão concentrados nove municípios que produzem o mate sombreado. "Temos uma mina de ouro nas mãos e precisamos aprender a trabalhar da forma certa", assinala. Em busca dessa valorização do "ouro verde", a Abem, juntamente com produtores, especialistas e

Crédito: Divulgação Sítio 3 Meninas

> "TEMOS UMA MINA DE OURO NAS MÃOS E PRECISAMOS APRENDER A TRABALHAR DA FORMA CERTA."
>
> NALDO VAZ, PRODUTOR E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BITURUNENSE DA ERVA-MATE (ABEM).

entidades do setor, está montando um grupo gestor para definir estratégias de valorização da erva sombreada. "Tudo está favorecendo esse crescimento, desde o produtor, que nunca teve tanto valor agregado à erva, passando pelo governo, que está apoiando, chegando até a indústria, que está ampliando a visão", ressalta.

Testando novos caminhos

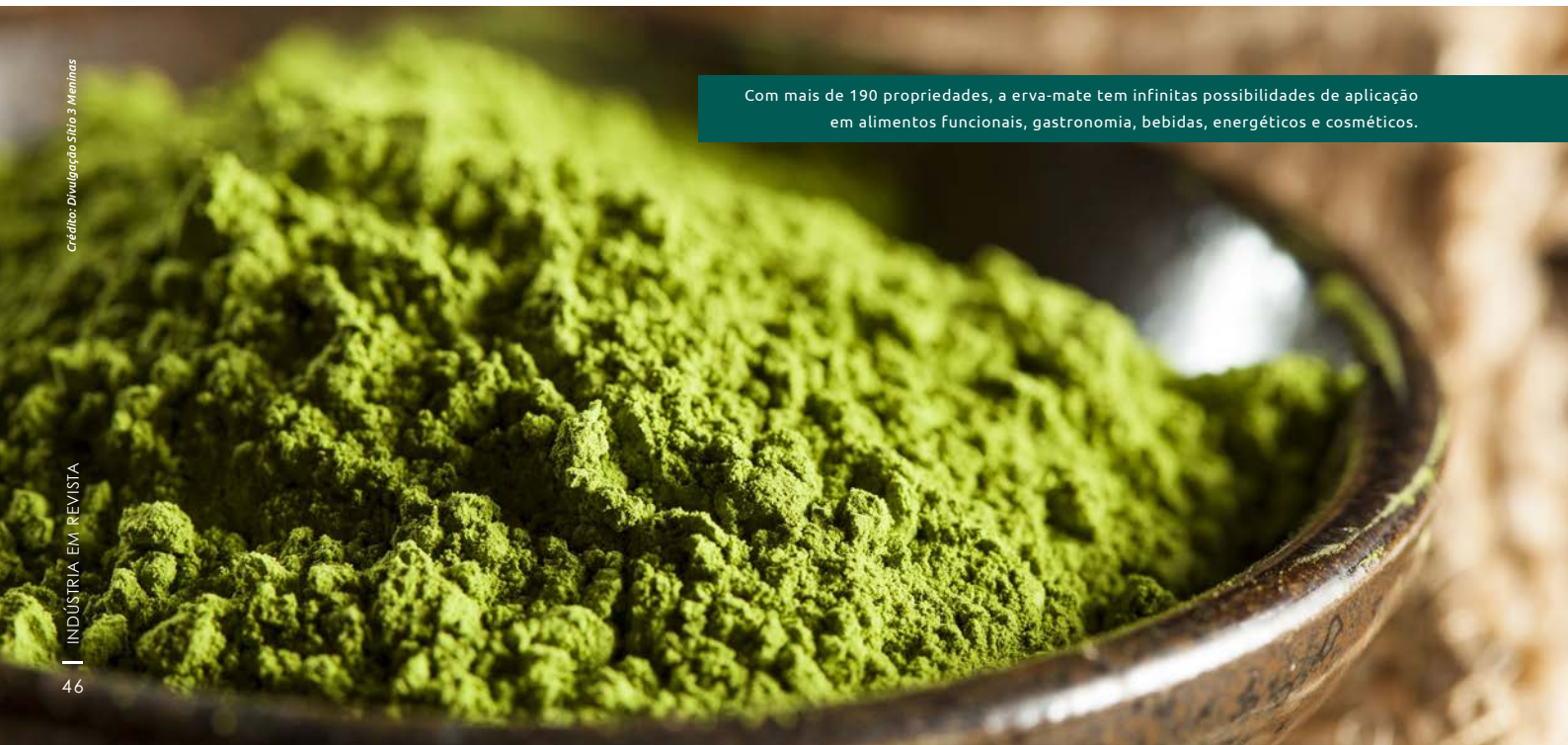
A indústria Mate Laranjeiras, de Laranjeiras do Sul, investe em pesquisa e desenvolvimento desde a fundação, na década de 1970. Da experiência adquirida com as exportações para países como Japão, Alemanha, Polônia, França e África do Sul a empresa percebeu que poderia ousar. "Sempre tivemos um perfil inovador com o objetivo de levar cada vez mais pessoas a usufruírem dos benefícios da erva-mate", afirma Mariza Somensi, sócia-gerente. O mate gaseificado e o tereré saborizado estão entre os produtos diferenciados da indústria. Este último faz parte de um projeto nacional de popularização da bebida. A campanha lançada em janeiro tem como garoto-propaganda o cantor sertanejo Luan Santana. "Descobrimos que ele toma tereré e carrega o kit em shows e programas em que participa. É um excelente propagador", conta.

O caçula das apostas da Mate Laranjeiras é o produto, composto 100% por folhas de erva-mate ultrarrefinadas, com mais 56 propriedades benéficas para a saúde. O KÕ'GÕI foi inspirado no matcha, chá japonês também conhecido pelos

Crédito: Divulgação Mate Laranjeiras

"SEMPRE TIVEMOS UM PERFIL INOVADOR COM O OBJETIVO DE LEVAR CADA VEZ MAIS PESSOAS A USUFRUÍREM DOS BENEFÍCIOS DA ERVA-MATE."

MARIZA SOMENSI, SÓCIA-GERENTE DA MATE LARANJEIRAS, DE LARANJEIRAS DO SUL.



Crédito: Divulgação Sítio 3 Meninas

Com mais de 190 propriedades, a erva-mate tem infinitas possibilidades de aplicação em alimentos funcionais, gastronomia, bebidas, energéticos e cosméticos.

benefícios à saúde. "Descobrimos que a nossa erva-mate tem muito mais qualidades que o matcha. Ainda estamos testando no mercado em várias frentes", diz. Mariza acredita que dá para explorar ainda mais o vasto universo da erva-mate. "Como disse o escritor Temístocles Linhares: 'A América nasceu bebendo mate'. Teve seu apogeu, ficou estagnado e agora volta repaginado, para atender ao mercado que procura produtos saudáveis", conclui Mariza.

Pesquisas indicam que o mate brasileiro tem mais de 190 princípios ativos, e tais peculiaridades permitem ampliar a aplicação em segmentos como o de cosméticos, farmacêutico, gastronômico, culinário, bebidas energéticas e alcoólicas. Heroldo Secco, parceiro da Mate Laranjeiras no desenvolvimento do KÕ'GÕI, descobriu os potenciais do mate brasileiro em 1999, quando trabalhava como consultor em negócios internacionais. Fez parcerias no exterior para comercializar chimarrão e tereré e passou a desenvolver estudos de alternativas e de valorização do produto brasileiro. Hoje, Secco tem a MateTeaBrasil, que presta assessoria especializada em negócios internacionais, comercialização direta dos produtos, e consultoria jurídica para contratos internacionais. Ano passado, mudaram o slogan da empresa para "Inovar para crescer, crescer para proteger tradições". "Quisemos transmitir que: para inovar, evoluir, não é preciso romper com o passado. Ao contrário, o consumidor atual busca essa conexão com as origens do produto e de quem o produz", destaca.

As possibilidades de expansão do mercado estão além dos conhecidos rituais do chimarrão e do tereré. As novas formas de consumo de outros chás aumentam as variáveis de vendas. Secco afirma que muito além dos consumidores tradicionais, o consumo do mate deve crescer também nos nichos veganos, naturais, nutracêuticos, energéticos, cosméticos e esportivos – setores estes que até pouco tempo atrás eram totalmente desconhecidos das empresas ervateiras.

Naldo Vaz concorda que o setor paranaense está passando por mudanças e é preciso atenção a tudo isso, porém sem esquecer a tradição. "Temos que equilibrar tradição com o que está vindo de novo. A história é importante, lá fora dá-se muito valor para os produtos que têm história. Apesar de tantas possibilidades, não podemos perder as raízes do mate nativo. É isso que dá o charme ao produto. Podemos ser tradicionais com inovação, sem perder o foco", conclui. ■

Crédito: Divulgação MateTeaBrasil

> "PARA INOVAR, EVOLUIR, NÃO É PRECISO ROMPER COM O PASSADO. AO CONTRÁRIO, O CONSUMIDOR ATUAL BUSCA ESSA CONEXÃO COM AS ORIGENS DO PRODUTO E DE QUEM O PRODUZ."
>
> HEROLDO SECCO, CONSULTOR E SÓCIO DA MATETEABRASIL, ESPECIALIZADA EM CONTRATOS INTERNACIONAIS PARA O SETOR.

Crédito: Divulgação

Agenda em Brasília

O presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo; o vice-presidente Paulo Pupo e o ministro da Economia Paulo Guedes.

A diretoria da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep) foi recebida, em fevereiro, em Brasília, pelo ministro da Economia, Paulo Guedes. Durante o encontro, Guedes apresentou as principais linhas da política econômica do atual governo. Segundo o ministro, a prioridade inicial é a redução dos gastos públicos. Para isso, a principal medida é a Reforma da Previdência. Em seguida, será implantado um programa de privatizações, com os recursos obtidos sendo utilizados para também reduzir a dívida pública e, por consequência, os juros que são pagos para administrá-la. Além disso, o ministro afirmou que será realizada uma Reforma do Estado, com a meta de cortar 21 mil cargos comissionados nos diferentes órgãos governamentais.

Além disso, durante o evento, após uma série de encontros com parlamentares, como os representantes paranaenses no Senado Flávio Arns e Oriovisto Guimarães (foto ao lado), a Fiep encaminhará ao governo federal os principais entraves que vêm atrapalhando o desenvolvimento do setor industrial. Essa iniciativa atende a um pedido do ministro da Economia, que em encontro com a diretoria da entidade afirmou que o governo precisa que os empresários indiquem quais são os principais gargalos atuais para suas atividades, para que a equipe econômica possa buscar soluções.

Edson Campagnolo e dois dos representantes paranaenses no Senado: Flávio Arns (à esquerda) e Oriovisto Guimarães (à direita).

A comitiva da Fiep, em Brasília, em frente do prédio da CNI. Pág.

Comércio Exterior

O embaixador da Tunísia em Brasília, Mohamed Hedi Soltani, esteve no Campus da Indústria, em Curitiba, para uma agenda de aproximação com o setor industrial. O vice-presidente da Fiep, Biratã Higino Almeida Giacomoni, participou do encontro junto com o gerente-executivo de Assuntos Internacionais, Reinaldo Tockus.

Crédito: Guto Pimentel

Da esquerda para direita: Amine Sayeb, primeiro secretário da embaixada, Biratã Giacomoni, Mohamed Soltani e Reinaldo Tockus.

Meio Ambiente

O presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo, reuniu-se em Curitiba com o secretário de Estado do Desenvolvimento Sustentável e Turismo, Marcio Nunes, juntamente com o coordenador do Conselho de Meio Ambiente da Fiep, Helio Bampi. No encontro, foi apresentada a nova estrutura da pasta, que aglutinou vários institutos ligados à questão ambiental, além de órgãos que atuam na promoção do desenvolvimento do Paraná. Além disso, ficou definido que serão agendadas reuniões técnicas com representantes dos diferentes setores industriais, para que apontem os gargalos, que hoje dificultam os processos de licenciamento ambiental, e sejam discutidas soluções. ■

Crédito: Gelson Bampi

Da esquerda para a direita: Helio Bampi, vice-presidente e coordenador do Conselho de Meio Ambiente, da Fiep; o secretário de Estado do Desenvolvimento Sustentável e Turismo, Marcio Nunes; e o presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo.

Sindileite comemora aniversário com homenagens e lançamento de livro

Crédito: Gelson Bampi

O presidente do Sistema Fiep entrega placa ao presidente do Sindileite, Marco Antonio Galassini, em comemoração aos 87 anos da instituição.

O Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Paraná (Sindileite) comemorou 87 anos de fundação em solenidade no Campus da Indústria, em Curitiba, na noite de 18 de fevereiro. O presidente da instituição, Marco Antonio Galassini, recebeu uma placa do presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo. Foram homenageados, também, o presidente mais antigo do Sindileite, João Manfredo Siemens; o presidente-executivo do Sindileite, Wilson Thiesen; o médico veterinário Ronei Volpi; e o ex-secretário da Agricultura e ex-deputado, Orlando Pessuti.

O Sindileite homenageou a cooperativa de laticínios mais antiga do Paraná, a Frisia, fundada por imigrantes holandeses em 1925, na região de Carambeí, e responsável pela marca Batavo. Durante a solenidade, foi lançado o livro "Sindileite Paraná - 87 anos de história", de autoria do jornalista Samuel Milléo Filho. Participaram da solenidade o vice-governador Darci Piana; o vice-prefeito de Curitiba, Eduardo Pimentel, além de outras lideranças políticas e empresariais.

Crédito: Gelson Bampi

O livro "Sindileite Paraná - 87 anos de história", de autoria do jornalista Samuel Milléo Filho, foi lançado durante o evento.

Sindicatos têm novos presidentes

Cinco sindicatos industriais do Paraná iniciaram o ano de 2019 com novas diretorias. São eles: Sindicato das Indústrias do Vestuário de Curitiba e Sudeste do Paraná (Sindivest), que tem como novo presidente Ardisson Naim Akel; o Sindicato das Indústrias de Extração de Mármores, Calcários e Pedreiras do Paraná (Sindecamp), com Luciano Buzatto na presidência; o Sindicato da indústria da Extração de Minerais Não-Metálicos do Paraná (Sindiminerais), com a eleição de Fábio Pires Leal; o Sindicato das Indústrias de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares (Sinaees), com Virgílio Moreira Filho; e o Sindicato da Indústria de Curtimento de Couros e Peles do Paraná (Sicppar), com Umberto Sacchelli Neto.

Crédito: Gelson Bampi

Da esquerda para a direita: Fabio Pires Leal, presidente do Sindiminerais; Luciano Buzatto, presidente do Sindecamp; Edson Campagnolo, presidente do Sistema Fiep; e Ardisson Akel, presidente do Sindivest PR.

SESI
viva+
MAIS INTELIGÊNCIA.
MAIS SAÚDE.
MAIS RESULTADOS.
CONTE COM UMA PLATAFORMA COMPLETA EM GESTÃO DE SST.
Problemas relacionados à Segurança e Saúde no Trabalho trazem muitas despesas para a indústria. Pensando nisso, o Sesi criou uma plataforma digital para a gestão de programas e serviços voltados para a segurança e saúde na indústria: o Sesi Viva+.
É a solução completa para sua empresa reduzir gastos com despesas legais e aumentar o rendimento da equipe. Tudo isso de maneira totalmente integrada com as novas regras do eSocial.
Conheça o Sesi Viva+.
A plataforma que sua empresa precisa para reduzir os custos e aumentar os resultados.
SAIBA MAIS EM:
sesipr.com.br/segurancaesaude
0800 0713010
/SESIpr
sesipr.com.br/empresas
/SESIpr
Sistema Fiep
SESI
SESI
Iniciativa da CNI - Confederação Nacional da Indústria

CASA DA INDÚSTRIA

Desenvolvimento para a indústria. Vantagens para os sindicatos.

Localizadas estrategicamente em todo o Paraná, as **11 Casas da Indústria** em todo o Paraná oferecem capacitações, espaços compartilhados e ações de desenvolvimento local porque essa é a nossa forma de **defender os interesses do setor industrial.**

Nosso foco é o seu fortalecimento, por isso ofertamos a melhor estrutura e todo o apoio necessário para as indústrias e os sindicatos associados crescerem de forma sustentável.

Conheça tudo que as Casas da Indústria têm para oferecer:
fiep.org.br/**casadaindustria**

Sistema Fiep FIEP SESI SENAI IEL FIEP